

ESCOMBROS E RECONSTRUÇÕES

Márcio Catunda

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:

Um Canto à Civilização – Ricardo Alfaya.....

ESCOMBROS

ESCOMBROS E RECONSTRUÇÕES.....
O ANJO DA SOLIDÃO.....
CAVERNA.....
SUSPEITA.....
ALICATE.....
AO ANOTAR PALAVRAS.....
PERDAS E DANOS.....
TÉDIO SACRAMENTAL.....
INSÔNIA.....
MALDIÇÃO.....
PERSPECTIVA.....
PREDESTINAÇÃO.....
PISCINA DE LABAREDAS.....
SOBREVIVÊNCIA.....
HÁBITO.....
OS FRENÉTICOS.....
OS MAIOAIS.....
CANÇÕES DO EXÍLIO.....
CONTINGÊNCIAS.....

A ARTE DE SOFRER.....
OS SANTOS E OS CANALHAS.....
PRA DESPEDIR O CASCA-GROSSA.....
FUNDAMENTOS.....
ORÁCULO E ANTIORÁCULO.....
AMARGURA.....
HOMO FABER.....
TERRA DE DEMÔNIOS.....
PORCA MISÉRIA.....
CARACTERIZAÇÕES.....
DOU FÉ.....
MANICÔMIO.....
PESADELOS DE CLAUSTROFOBIA.....
SETEMBRO.....
RESISTIR.....
CASTIGO E PENITÊNCIA.....
O AVÔ.....
PORVIR.....
PROJETO DE VIDA.....
CORRERIAS.....
PERORAÇÃO.....
JOGO PERIGOSO.....
CACHORRO.....
CIRCO.....
MADRUGADA DE OBSTINAÇÕES.....
DOMINGO.....
URGÊNCIAS.....
SAUDADE.....
EXORCISMO.....
COLÍRIO.....
QUALIFICAÇÕES DO TIRANO.....
METAMORFOSES.....
ADEUS À ILHA DOS PATRUPACHAS.....
AFORISMOS.....

OFÍCIO DE DESCALABROS.....	
COM NERVOS DE NERVAL.....	
AUTOCRÍTICA.....	
PIOR QUE A MORTE.....	
MARGINAIS.....	
MONÓLOGOS DE NARCISO.....	
HEDONISMO.....	
FUGA NECESSÁRIA.....	
PARA MEUS IRMÃOS.....	
LIBERDADE.....	

RECONSTRUÇÕES

RECONSTRUÇÃO I.....	
RECONSTRUÇÃO II.....	
LEMBRANÇA.....	
O SONHO DO POETA JORGE FURTADO.....	
ELEGIA PARA JOSÉ ALCIDES PINTO.....	
VISÃO DE SINTRA.....	
PESSOA.....	
DUALIDADE.....	
TRANSLÚCIDA VIAGEM.....	
INTERMITÊNCIA.....	
EXORTAÇÕES.....	
CONVERSÃO.....	
A VOCAÇÃO DO POETA JARBAS JÚNIOR.....	
PRÓ E CONTRA.....	
SAUDAÇÃO AO MAR.....	
A CRIANÇA NA PRAIA.....	
CONCERTO GROSSO.....	
BAUDELAIRE.....	
VISÃO LUNAR.....	
TEMÓTEO CAVALCANTE.....	

IMAGINO-TE.....
 O MAR FALA COMIGO.....
 CUPIDO.....
 A ROSA.....
 HORA PROPÍCIA.....
 RONDÓ FESCENINO.....
 PÁSSAROS.....
 NOITE EM MADRI.....
 MAR AZUL.....
 MANIFESTO.....
 PRAIA DE IPANEMA.....
 EXPECTATIVA.....
 NATUREZA ETERNA.....
 UM INSTANTE NA ESTANTE DE AUGUSTO
 SÉRGIO BASTOS.....
 PROMETEU.....
 DEAMBULAÇÃO.....
 SUDÁRIO DA NOITE.....
 AGRÁRIA.....
 SER O REI DE UMA CIDADE.....
 TRÊS SONHADORES.....
 JORGE TUFIC, CORIFEU DO VENTO.....
 MARCUS VINÍCIUS QUIROGA, AGRIMENSOR DO
 IMPONDERÁVEL.....
 POSTULADOS DE FERREIRA GULLAR.....
 NAMASTÊ, JOSINA!.....
 ESTÂNCIA.....
 AFORISMOS DE PATÂNJALI.....
 TAO.....
 BHAKTI YOGA DE SWAMI VIVEKANANDA.....
 A CIÊNCIA DA ILUMINAÇÃO, SEGUNDO
 PARAMAHANSA YOGANANDA.....
 RUMI.....

SHÂNKARA, O PRIMOROSO INTÉRPRETE DO VEDANTA.....	
O VIAJANTE DA NOITE ENCANTADA.....	
ODE À SEROTONINA, MUSA NEUROTRASSMISSORA.....	
LISBOA, VISTA DO MIRADOR DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA.....	
SAUDAÇÃO A LÊDO IVO.....	
PEDRAS.....	
O AUTOR.....	
OBRAS PUBLICADAS.....	
ALGUMAS OPINIÕES SOBRE A OBRA DE MÁRCIO CATUNDA.....	

UM CANTO À CIVILIZAÇÃO

Conforme o nome sugere, o livro *Escombros e Reconstruções*, da autoria de Márcio Catunda, se compõe de duas partes, que equivalem a dois tempos distintos.

Por forças das circunstâncias, o autor vê-se obrigado a trocar — por um período que lhe pareceu interminável — o mundo da civilização por um ambiente em que predomina ainda um clima de barbárie. Não apenas no sentido das diferenças tecnológicas e da falta de conforto, mas também, e principalmente, no que diz respeito aos hábitos culturais. Chocam-no, sobretudo, a falta de gentileza e o autoritarismo tirânico reinante. A maioria dos poemas é oriunda desse período. No entanto, muitos outros foram escritos posteriormente, embora sob o mesmo espírito.

Catunda encontra na poesia mais do que um lenitivo: dela faz sua fonte de resistência, sua ponte de ligação com a civilização que aprendeu a amar. Sempre surpreendente, consegue mostrar que existem sinais de paraíso, na civilização contemporânea. Civilização, aliás, em que a maioria somente consegue enxergar o freudiano mal-estar. Essa percepção emerge, dialeticamente, do confronto entre as duas seções da obra.

O título da primeira parte, *Escombros*, certamente diz respeito à situação psicológica do autor. Mas também sinaliza uma advertência. Há, na verdade, implícito, um apelo nas entrelinhas: precisamos evitar que o árduo processo civilizatório se transforme em *escombros*, nas mãos dos tiranos medíocres e *energúmenos* de todos os mundos.

Assim, em *Escombros*, há poemas que expressam a dor psicológica, a indignação, o repúdio à volta ao tempo *das cavernas*. O clima dessa parte é consideravelmente apocalíptico e lembra a célebre advertência de Einstein a respeito da configuração de uma eventual Quarta Guerra Mundial: seria disputada com paus e pedras...

Por outro lado, a segunda parte, *Reconstruções*, apresenta o modo de resistência à Catunda: memórias da infância; as permanentes alusões ao mar; as recordações de bons momentos de viagens; a evocação da cultura grega e dos poetas que tanto ama, a exemplo de Baudelaire. Em suma, refugia-se nas lembranças, no canto à natureza e na afirmação do valor da civilização, naquilo que ela tem de melhor: a arte e a cultura.

Como já se tornou marca do autor, também em *Escombros e Reconstruções* encontramos um extrato das múltiplas faces e fazeres de Márcio Catunda. Um escritor ao mesmo tempo tão repleto de lirismo e de misticismo quanto de espírito socialmente crítico. Aliás, nele se evidencia, também, a inegável vocação para a poesia épica.

Ricardo Ingenito Alfaya, escritor, resenhista e revisor. Nascido e residente no Rio de Janeiro-RJ.

ESCOMBROS

*Arre, estou farto de semideuses!
Onde há gente no mundo?*

Álvaro de Campos

ESCOMBROS E RECONSTRUÇÕES

Às vezes penso que a vida
é uma piada de mau gosto.
Reconstruir, reconstruir, e,
no final de tudo,
escombros.
Resta-nos a poesia,
escudo contra o desespero.

O ANJO DA SOLIDÃO

Prestidigitar o tempo.
Imaginar as portas do futuro.
Meus pesadelos se tornaram realidade.
As escadas vertiginosas, as torres de isolamento.
Os labirínticos pardieiros
e as caras assustadoras que me perseguem.

CAVERNA

Adentro a caverna.
O mosquito pica, a gente acende a luz; ele foge,
ébrio de sangue.
Mais que um rato morto no ar condicionado,
o exílio é uma cobra viva na garagem.

SUSPEITA

E se eu pensasse que fulano é um canalha
e beltrano um sacana discreto?
(Ainda bem que a minha ingenuidade nem suspeita disso...)

ALICATE

Caí no poço do disparate.
Desentorto a vida no alicate.
Um morto é um número vazio,
a menos que haja legado algum ritmo.
A fortuna que tenho vale mais que toda Wall Street.
Quando eu canto um martelo agalopado,
afugento qualquer cabra safado.
Haja música na minha hora extrema.

AO ANOTAR PALAVRAS

Ontem, ao anotar palavras,
atordoado e deprimido,
escrevi *mal* por *mau*.
Mal com *l* ou mau com *u*,
vivemos o mal-estar necessário
e o mau humor nosso de cada dia.

PERDAS E DANOS

Estou no limite da expiação.
Existir parece às vezes um delito.
Meto os peitos na voragem,
e o tempo se faz um batalhão.
Enquanto enlouquecem os asnos protagonistas,
resisto, na redoma, com exercícios de alerta.

TÉDIO SACRAMENTAL

Ponho bálsamos verdes,
onde os mosquitos laceram.
Armado até os dentes de paciência,
pago — penitente — todos os pecados.
Como o pão cotidiano da angústia.
A situação asfixia.
A peleja extrapola os meus neurônios.
Sofro, resignado, ruminando desmandos.
Noite longa, no desconcerto da semana.
Enquanto espero a ressurreição da Lua,
recorro ao tédio sacramental.

INSÔNIA

Morrer talvez não seja a pior opção.
Dormir é uma forma de morrer.
Se eu pudesse ao menos dormir!
Dormir é o momento eterno.
Estar acordado é que é o pesadelo.
Vem, Morfeu Bromazepam.

MALDIÇÃO

Maldito seja o opressor
que me queira dominar.
Maldito seja o suicida
que insista em querer levar-me junto.
Maldita seja a truculência,
do que me turve a paciência.
Malditos sejam os patifes escrotos,
cujas ideias espúrias emergem dos esgotos.

PERSPECTIVA

Já me revoltei.
Lutei em vão contra os demônios.
Fui sempre um idiota ludibriado por falsários.
Mas dentro de um futuro prodigioso,
partirei destas terras do fim do mundo,
em busca da cidade antiga.

PREDESTINAÇÃO

Quando nasci, um anjo músico solfejou
que eu seria uma voz dissonante.
Desde então, canto no psicodrama da marginália.

PISCINA DE LABAREDAS

Pulei numa piscina de labirintos.
Ai, tempo de surpresas oníricas!
De madrugadas penitentes e de outras emergências.
A cada dia, um incêndio.
O tirano tem pose de cardeal ateu.
É douto na ciência dos escorpiões.
Ai, tempo de insônia e de tantas impossibilidades.
O tirano é um colosso empavonado.
Tem o apetite de um tubarão e
olhos de piranha que come boi mudo.
Pulei numa piscina de labaredas.
O tirano é uma salamandra.
É uma espada que caiu do céu.
Aleluia!

SOBREVIVÊNCIA

Não entro mais em confusão.
Não boto mais meu barco nesse pélagos.
Nunca mais mergulho entre tubarões.
Vou pisar no chão com mais cuidado,
longe dos ferrões dos escorpiões.
Nem que me ofereçam o Velocino de Ouro,
não vou mais lá onde o cão perdeu as botas.

HÁBITO

Perdi o hábito de amansar os valentões.
Mas não me livrei da mania de defender os fracos.
Só me consola o canto agudo de um pássaro,
que me lembra o ruído dos fogos de artifício de outrora.
Seu canto também me evoca o estrídulo daquela araponga,
na Avenida Barão de Studart;
eu tinha oito ou nove anos.

OS FRENÉTICOS

Os frenéticos falam de cifras e acionam morteiros.
Dirigem mísseis para as operações de paz.
Agarram o mundo com unhas, dentes,
pernas, braços, mãos e pescoço.
Apoderam-se do globo e não dividem um átomo.
As torres implodidas ainda fumegam.

OS MAIORAIS

Dos que andam de bem com o mal,
não se pode discordar.
Quando eles abusam da indulgência suprema,
é preciso dizer-lhes sempre:
vocês são os maiorais!

CANÇÕES DO EXÍLIO

Selvagens mijam nos troncos das árvores.
Uma vibração de angústia contamina o ar.
Monturos e detritos decoram a paisagem.
Não adianta beber absinto,
nem fugir para a Abissínia.
Prevalece a consciência do redemoinho.
Rasgo os meus versos líricos
e escrevo a palavra indignação.

Na trincheira da solidão,
estou fora do mapa, cercado de gente desleal.
Contra a esterilidade mental,
até o céu sofre de tristeza irada.
O exílio é este delírio, na noite da vida.
Não tem juízo quem me relegou a esta condição.

Hei de vencer os meus pesadelos de escada e torre.
Sonho com o castelo de vidro da impossibilidade.
É a cura pela penitência.
Na dolorida madrugada,
tenho o drama da humanidade como arquétipo.
A vida se entranha na escória de tudo.
Oculto, além dos entulhos arruinados,
o mar é o esgoto geral.

O céu de filigranas contrasta com a feiura da terra.
A nervura das árvores
não esconde a esterilidade mental.
A poluição está nos pensamentos.
Nos desvanecidos arrabaldes, há becos de taperas.
Pululam espasmos de realidade ensandecida.
Campeiam, nos covis, espectros apocalípticos.

Os taxistas apitam como se a gente fosse puta.
Os caras fedem como suínos.

Tanta neurastenia, tanta chafurda.
Na caverna, em temerosa peregrinação,
limpo as fezes do rato e vou em frente.
Farto até a epiglote de sentir raiva todos os dias,
lavo as mãos, em compulsivo desespero.
Razões de amor, cante-as o rouxinol.

CONTINGÊNCIAS

Essa vontade de ser índio outra vez.
Essa escura negação da realidade.
Essa angústia primitiva em tudo.
Esse miasma no ar dos logradouros.
Essa sede de combater a infâmia.
Esse tédio informando a existência.
Esse empenho nas mãos do desperdício.
Esse pão que o diabo temperou com veneno.
Esses cachorros brabos no sonho infeliz.
E aquele ódio que remonta ao Éden.

Acra, 23 de abril de 2009.

A ARTE DE SOFRER

Ter um rato morto no ar condicionado;
ser condescendente com quem está abaixo da crítica
— os palhaços do circo do horror;
buscar a toda hora o antídoto.
A arte de sofrer
é a arte de esperar o pior.

Nada como espreitar os minutos
e aprender lições de autismo.
Entrar na floresta das recordações, cantar ausências.
Que foi daquele que navegou no mar do lenitivo?

Na caverna de Neandertal,
todos os dias são de desespero.
O trem da espera é lento e tem funesto apito.
Ah, que esta terra miserável não me esmague de vez!
(Confesso que tive vontade de morrer.)

Minha sorte degenerou.
Dar a vida por uma irrisão!
Caliban, ó pomposo chanceler!
Ó ladrão do tempo!
Breve é o encontro; eterna, a saudade.

Nos escuros dias do exílio, evoco o fantasma da felicidade.
A melancolia vem como uma nuvem.
Choro a liberdade antiga.
Nesta terra amaldiçoada,
quem, como eu, tem o mar impregnado na alma?

Onde estou que não me respondo?
Escuto as badaladas noturnas da saudade.

Saudade de mim.
Eis-me escarnecido e encanecido.
No deserto, disseminado.
À porta estígia, vereda íngreme,
despojado das auras superiores.

OS SANTOS E OS CANALHAS

Os santos em petição de miséria.
Os canalhas aferrados à matéria.
Os santos trazem dose amarga.
Os canalhas puxam a descarga.
Os santos com a corda no pescoço.
Os canalhas esvaziando o poço.
Os santos no suplício mental.
Os canalhas no carnaval.
Os santos saindo da fila.
Os canalhas com avidez de gorila.
Os santos gemem sem paz e sem sono.
Os canalhas ladram como cães sem dono.
Os santos entram num buraco sem fundo.
Os canalhas devoram o mundo.
Os santos choram martirizados.
Os canalhas se arvoram, desgraçados!
Os santos permanecem na indigência.
Os canalhas têm tudo, menos a inteligência.

PRA DESPEDIR O CASCA-GROSSA

Come o nome dele, sapo, e voa
a alguma remota lagoa!
Leva contigo o cabeça torta,
que a vassoura já tá atrás da porta!
Leva o escabroso morcego.
Leva o desassossegado filho do Satanás
e o tumulto que ele faz.
Xô, baixo-astral, te manda!
Olha o veleiro de vela panda!
Canta o adeus, ave de arribação!
Leva o bicho e a aberração!
Abre a porta da jaula, domador.
Deixa que saia a fera e o furor.
Pra longe, além da curva do horizonte,
para as bandas onde não haja ponte.
Leva o da enferma retentiva
a navegar alhures, à deriva,
deixando em paz esta freguesia,
que abomina a tirania.
Aos desmandos do casca-grossa,
outorga a merecida fossa.
Fora daqui o pérfido tirano,
antes que ele bote todo o mundo insano.

FUNDAMENTOS

Só sabemos que tudo passa
e não dominamos os dias que se sucedem.

ORÁCULO E ANTIORÁCULO

Abre os esfíncteres pra ser vitorioso.
 — Prescindo dessa glória e desse gozo.
 Fica de quatro e empreende a conquista.
 — Que excluam o meu nome dessa lista.
 Tira as calças, rasteja e lambe pé.
 — Deixo a quem queira o trapo do chulé.
 Explora e menospreza todo otário.
 — Procedo com convicção em contrário.
 Não existe bem nem mal, entra no trem.
 — Antes juntar salário de vintém.
 Bajula o crasso ditador.
 — Rasgo a bandeira e quebro esse andar.
 Mantenha os cegos na ignorância.
 — Recuso esse afã com ardor e ânsia.

AMARGURA

Consumido de perdição,
 qual mendigo de amor,
 deixas-me foragido,
 gemendo de saudade.
 Um céu sem cor
 como eu, sombrio,
 discorre ante os meus olhos.
 Eu tão sofrido!
 Estás no cais?
 Eu, no convés da dor!
 Vê a incerteza do meu firmamento!
 O teu silêncio dói como um punhal,
 e a vítima de tudo é o sentimento!

HOMO FABER

Que faço eu, fauno mallarmaico,
delirando com a solidão?
Que faço, em horas nada canônicas,
profanando o templo de mim mesmo?
Que faço eu, sem gôndolas,
navegando no vazio?
Que faço, sem clâmide oracular,
invento ao imponderável,
espreitando o trânsito dos calendários?
Com esse desvelo psicossomático,
que faço, estremeado na noite dos frêmitos?

TERRA DE DEMÔNIOS

Nada como um banho na terra tórrida dos primitivos.
Noites em que um motor a *diesel* nos livra da escuridão,
do calor e da sanha dos mosquitos.
Para os aventureiros,
Neandertália é a capital da beleza universal.
Louvemos a pobreza de espírito!
Terra de demônios é um não-lugar;
angústia, que me diz que estou ausente.
Que fui à esquina e não voltei,
que estou deslocado;
com a vida subordinada aos instintos.
Os cínicos insistem,
martelando a tecla da insensatez.
É a cúpula do manicômio ditando as regras.
Mandaram-me ao degredo como guarda-noturno.
Ainda não aceitei a desfeita.

PORCA MISÉRIA

Até sonhando a gente sofre.
 É um sacrifício acordar,
 uma imprudência enfrentar o dia.
 É de se querer desconhecer a si mesmo.
 Os opressores batem à porta,
 e há certames de descalabro em toda parte:
 É preciso nadar na areia movediça.
 Um transtorno de ânsias revoluciona tudo,
 mas prevalece o marasmo da decadência.
 Turbado por melancólicas fantasias,
 recolho-me à oficina das tristezas
 — feito o rufião se encharca nas tavernas.
 Que veredicto me reduziu a esse cúmulo?
 No fundo do poço, não mais afundarei!

CARACTERIZAÇÕES

Seríamos malucos, os poetas?
 Melhor dizendo: seríamos superdoidos?
 Suportamos o chuveiro a conta-gotas,
 os buracos onipresentes nas ruas
 e a atitude tacanha dos circunstantes.
 Toleramos a doidice geral.
 Saltamos sobre abismos, enfrentamos o atoleiro.
 Passamos fome e sede, em perigosas peregrinações,
 para implorar o augúrio das musas.
 Quem tem sensibilidade de tal envergadura?
 Ainda dizem que temos dificuldade de viver...

DOU FÉ

Dou fé, perante o Juízo Final,
de que os insetos são escorpiões voadores.
Os ventiladores, por mais que girem,
não aplacam a coceira inominável,
quando eles pousam em minhas têmeoras.

MANICÔMIO

Livre das imagens deprimentes
— exceto das que restam no pensamento —
de olhos fechados, atravesso a buraqueira.
Adquiri o domínio da irracionalidade.
No labirinto — em hibernação sarcófaga —
abro os olhos e vejo o esgoto,
a sucata, os monturos:
o espasmo tenebroso das aberrações.
Como retirar o abismo de mim?
Sobrevivo ou subvivo?
Feroz melancolia que me desnorteia!
Caminho ereto, sobressaltado,
guerreiro atormentado.

PESADELOS DE CLAUSTROFOBIA

Os patrupachas são vampiros de oxigênio.
São fantasmas de vibrações negativas.
Sou irreconciliável com o contrário de mim.
Esses imbecis deixam-me doido.
Aturdem qualquer sistema nervoso.
Os patrupachas pontificam na imbecilidade,
e a imbecilidade deles é uma tortura psicológica.
Como é fácil entender a linguagem dos animais!
Os patrupachas são indecifráveis.
Perdi toda essência do sentido.
Qual a utilidade do comércio com esses energúmenos?
Os patrupachas suscitam pesadelos de claustrofobia.
Rasgarei todos os tratados de integridade moral.
Aprendi a definição de calamidade.
À maneira de Augusto dos Anjos,
imersi no estado máximo da mágoa.
Resta-me a dissolução,
o vazio pleno do desapego.
Que esta iluminação permaneça.
Que eu vença os trogloditas do inframundo.
Com esse exorcismo épico,
enfrentarei marmotas e jetaturas.
Liquidarei a urucubaca dos patrupachas.

SETEMBRO

Não morrerei no exílio, acorrentado.
Não maldirei a dor de haver nascido,
nem a vermífugo serei tratado,
quando setembro chegar.

E o Vesúvio que sou, tão transtornado,
será de novo qual jardim florido.
O prisioneiro será libertado,
quando setembro chegar.

De ficar livre da mordança o dia
não tarda a amanhecer nos meus quintais.
Darei trezentos pulos de alegria,
quando setembro chegar.

Das cinzas crês que eu não ressuscitaria,
à luz dos paraísos naturais,
sem o pavor da abominável harpia,
quando setembro chegar?

Os restos do meu ser, feito farrapo,
verão os derradeiros de Paupéria.
Vai acabar a cantiga de sapo,
quando setembro chegar.

Da tempestade do desassossego
e do marasmo vou fazer pilhéria.
Vai ver a luz de novo aquele cego,
quando setembro chegar.

Agosto tem o travo do desgosto,
o amargo paladar da solidão.

Quero beber um manancial de mosto,
quando setembro chegar.

Luar de primavera no sol-posto.
Fecundarão as glebas do sertão
as lágrimas que arderam no meu rosto.
Quando setembro chegar.

RESISTIR

Estou calejando os neurônios de devoção.
Estou carpindo a experiência do estorvo.
Sou um xamã em permanente transe de angústia.
É trabalho para futuras encarnações
estudar a mentalidade dos primatas.
Mas o tempo é o melhor exorcista.
Cada minuto é uma libertação.
Já se evidenciam os últimos embates da colheita terrível.
Um oráculo me prognostica bom augúrio.
Viajarei com meus sonhos.
Resistirei.

CASTIGO E PENITÊNCIA

Lançaste-me num poço de lama.
Fizeste-me rastejar diante dos patifes.
Era tão bom sonhar com Tebas!
Dois anos sem ver o brilho das estrelas
equivalem a dez de trabalho forçado.
Lançaste-me entre os manipuladores de patíbulos,
no ninho das víboras.
Arrasto pelas unhas minha destruição.
Dois anos sem deixar de padecer...
É raiva esse travo na garganta!
Eu que imaginava uma nova concepção da natureza!
Agora, as têmeoras latejando,
sinto o horror dessa estância maldita.
Eu que conheço as qualidades da lua,
bebo o trago do rancor.
Já fiz todos os encantamentos.
Submeti-me à vertigem sacrílega.
Nunca desejei tanto abandonar o mundo.
Estou morrendo nesse calabouço de infâmia.
Aura de treva no ambiente.
Hora escandalosa de fúria e desespero.
Desgosto fúnebre em toda parte.
Meu crime foi haver nascido.

O AVÔ

Taí, seu Zé Carlos,
 o teu neto, andando por veredas escuras;
 cavaleiro penitente.
 Mediante bula da cruzada,
 pisando os sepulcros de Lúcifer.
 Peregrinando na Terra das Sete Pragas,
 correndo com a ralé, perseguido pelos carros,
 à beira do precipício.
 Olha ele, a prata das estrelas caindo-lhe nos cabelos!
 É esse que fica dias sem sorrir de verdade.
 Que tem como consolo o voo das aves escuras.
 O teu neto, que nem tu,
 anda com passos largos, as costas meio curvadas.
 Ei-lo no pardieiro,
 contando, em cada semana, um mês;
 em cada dia, uma semana;
 em cada minuto, um dia.

PORVIR

Quando os demônios me derem trégua,
 emergirei do fundo do Mar Morto.
 Acabará essa inveja dos poetas suicidas.
 Chegarei ao *modus vivendi*, sem cianureto.
 De moto próprio, já não gritarei diante das opressões.
 Mas quando prescindirei do Prozac líquido?
 Com esse nível de fobia,
 não sei se o meu atraso é milenar.
 Busca-se gaiola para o pássaro *perfeição*.
 Como estará minha mãe nos labirintos da memória?
 Quanto me custa rir da tristeza.

PROJETO DE VIDA

Não abro mão do agradável ritual de deitar-me na areia.

Um velho calção de banho

(ou novo, não importa)

e o dia pra vadiar.

Faço deste lema uma razão de viver.

Tenho vivido entre o antagonismo das ausências

e a truculência dos psicóticos.

Quero a noite azul, de lua espectral;

o minuto infinito,

o aroma dos perfumes feminis,

a maresia que o vento circula nas esquinas.

A poesia é uma técnica criteriosa,

feito a forma de cortar as unhas

ou o hábito de fazer ioga na praia.

CORRERIAS

O computador enguiçou.

Cortou-se a ligação.

Sua Insolência recebe ou não recebe?

Entre o dilema e o dilúvio,

não tenho mais que um guarda-chuva.

A umbela não chega ao nível de um para-raios

e se configura num esboço de cruz,

que carrego aos tropeços

sobre poças d'água,

degeneradas em lama.

30 de novembro de 2010.

PERORAÇÃO

Dai-me uma corda pra que eu me acorde.
 Dai-me um acorde pra que eu não durma.
 Dai-me um acordo pra que eu me acuda.
 Dai-me um enfoque pra que não me enforque.
 Dai-me um escudo pra que eu me descuide.
 Dai-me um encanto pro meu acalanto.
 Dai-me um Talmude pra que eu me transmude.
 Dai-me um archote pra que eu não me açoite.
 Dai-me um Descartes pra que eu não me descarte.
 Dai-me um encarte pra que eu dê as cartas.
 Dai-me a concórdia em nome da ordem.
 Dai-me equilíbrio pra que eu não me ludibrie.

JOGO PERIGOSO

O jogral joga ao mar sua jangada,
 lúdica loteria aventurada.
 Joker, jóquei, jugo na jugular,
 no lance astuto de vencer o azar.
 Joga-se casto, em logro de Jocasta.
 Joga-se: carta lacrada em Jacarta.
 Joga-se pó no vento do poente,
 a bola de cristal rolando em frente.
 Joga-se grão no chão das incertezas.
 Joga-se pão na mesa das tristezas.
 Na roda da fortuna, joio e trigo,
 arado de adversárias naturezas.
 Joga-se não no alforje do mendigo.
 Joga-se sorte, ao fim, sobre o jazigo.

CACHORRO

Sou um cachorro vira-lata. (Mário Gomes)

Sou um cachorro domesticado.
Sei latir em latim,
mas recolho-me ao silêncio.
Não saio por aí, cheirando cadelas.
Nem mijo em qualquer poste.
Não forço a jugular, refutando a coleira.
Só como à hora que o meu dono permite.
Só uso os dentes pra ingerir a minha ração.
Sou um exemplo de boa conduta canina:
adestrado e medroso,
corro quando vejo o *rottweiler*.
Cachorro anacrônico, por inofensivo,
a matilha me predestina ao canil.

CIRCO

Que prodígio! Que fenômeno!
Venham assistir ao idiota inteligente.
Venham ver o oráculo demente;
o mágico que, travestido de morto,
saboreia o coveiro.
O palhaço *mutreteiro*,
bufão que se crê preponderante.
Venham ver o tropel de especialistas
em desobedecer à natureza!
Venham ver a oligarquia de aduladores.
O nepotismo, disfarçado de vezo aristocrático.
A intriga como empuxo ascensional.

MADRUGADA DE OBSTINAÇÕES

Fico de madrugada insone,
pensando no inacessível.
Nesta hora em que duvido de minhas certezas,
oscilo entre a consolação da fé
e a vulnerabilidade da minha condição.
Estou perplexo neste afã de tecer fantasias.
Neste desvelo velado, sonhando inexistências.
Deliro com lagunas e aquarelas do mundo antigo;
com labirintos de escadarias e canoas,
no mais profundo da selva
— Todo um rosário de obstinações.
Não pareço razoável a mim mesmo.
Com estas imaginações, em vez de sono,
o que quero?
Aqui, num refúgio urbano,
tão longe das harmonias da natureza,
por que dialogo com meus devaneios
e tenho os sentidos absortos na noite fria?

DOMINGO

Por mais que eu me encharque de adolescências matinais,
a vida parece uma ilusão de relâmpago.
O domingo é um arco-íris
que foge como a felicidade.

URGÊNCIAS

Preciso prevenir os ataques e os achaques.
Preciso esquecer o pesadelo.
Preciso evitar o suicídio moral.
Preciso tornar-me um asceta libertino.
Preciso ouvir sempre o *Romance para violino e orquestra*.
Preciso fugir da terra dos vampiros.
Preciso de alguma coisa que me deixe leve e livre.
Preciso combater a pândega dos psicopatas.
Preciso entender a vida secreta das plantas.
Preciso adorar de novo os espelhos.
Preciso não lembrar que estou envelhecendo.
Preciso até aceitar que já não há mulheres.
É muita luta pra um só herói.
É muito fetiche pra tanta ordália.
É muita inquietude.
Muito sacrifício estéril pela quimera dos outros.
Muita síndrome do pânico
pra um simples cristão.

SAUDADE

Onde está meu pai?
Para que eu o chame
nas noites,
em meu socorro.

EXORCISMO

Cingido pela certeza inquebrantável,
molharei os pés nos campos orvalhados.
Incólume aos turbilhões,
conhecerei o claro mistério!
Estou inviolável, seguro e nutrido de luz.
Ressuscitarei nas harmonias do vento!
Miragem, revelação, promontórios.
Estou redimido pela solidão que povoa
a multidão que habita as mil faces que tenho!
Estou iluminado, entre velas acesas
e incenso queimando, no templo das colinas
— santuário das pirâmides.
As vibrações do vento trazem irradiações
de profetas, músicos, santos e alquimistas.
Estou tranquilo porque sirvo às sete igrejas
e à luminosidade que floresce em mim.
Permaneço concentrado na mensagem
que a natureza transmite a cada instante.

COLÍRIO

Colírio bom é mulher bonita.
Porém, na falta do melhor recurso,
unto a via ocular com duas gotinhas,
na esperança que neutralizem as cataratas.

QUALIFICAÇÕES DO TIRANO

Voz de ventríloquo farsante!
Ricto blindado de cinismo!
Psicopata grotesco!
Pérfido espectro contranatural!
Capitão de dragões, flibusteiro!
Flagelo da minha estação de penitências!
Bufão troglodita!
Sacripanta hidrófobo!
Carranca do diabo!
Sátrapa canastrão!
Protótipo do próprio tormento!
Face conjurada contra todos os espelhos!
Verdugo dos meus dias caídos!

METAMORFOSES

O homem que virou mulher
e casou com a mulher que virou homem,
tornou a virar homem
e casou com o marido da mulher
que voltou a ser mulher.
Esta, por sua vez,
casou com a mulher do homem
que tinha virado mulher.
E assim todos foram felizes para sempre,
em eterna transmutação.

ADEUS À ILHA DOS PATRUPACHAS

Quando eu for embora,
esta terra será queimada e lavada
pelas águas do esquecimento.
Assim eu falava, à véspera de partir da ilha dos Patrupachas.
Levarei apenas a minha história de José do Egito
e meus diálogos com a intemporalidade.
Esquecerei a peçonha do ermo e a lacra das abominações.
Sonhava sempre com o dia claro, de sol nutrido.
Tudo o mais era a comarca de flibusteiros.
Mas nada como a última raiva no lugar que tanto se repugna!
A derradeira dor de cabeça,
pelo prazer de não repetir a experiência inglória.
Nada como dizer adeus aos demônios
e às outras feras miseráveis.
Não há melhor vingança que o desprezo do esquecimento
e a certeza de projetos maiores.
À inveja dos mesquinhos, deixo esta simples contestação.
Estarei livre da babaquice daqueles palhaços.
Do exibicionismo ridículo deles.
Nunca mais voltarei a esta terra infeliz.

AFORISMOS

O objetivo do samurai é o haraquiri.
Os heróis do belicismo não regressam vivos.
Vencem o tempo, imolando-se primeiro.
O cínico imprime no cérebro o paradigma proativo.
Mantém a vantagem competitiva
e pensa que a natureza é imutável.
Os heróis de guerra contribuem
para a estabilidade do ambiente operacional.
Maquiavel, sumo pontífice da conquista de corações e mentes,
afirma que o abismo te ensinará a sobreviver.
Nesse Aqueronte de onde os pássaros se ausentam,
o eremita tenta não fazer da cabeça um vulcão.
Sua humildade consiste
em não se lançar ao pescoço do vencedor.
O importante é entrar pelas portas,
sem deixar atrás a esperança nem a liberdade.
O importante é vertebrar os parâmetros.
Examinar cada postulado ou cânone,
com a estratégia da paciência verbalizada.

07 de dezembro de 2010.

OFÍCIO DE DESCALABROS

Interpretar as próprias comédias
com os olhos entornados.
Caminhar entre os cordeiros de Deus
tangidos pelos demônios.
Aceitar ser a saudade do que fui.
Submeter-me ao meu livre-arbítrio,
sem fazer caso das cabeças das Hidras.
A fumaça dissuade o masoquismo.
Vivo as madrugadas da minha sorte.
Ninguém sabe o que há por trás
da máscara do arlequim.
No teatro da egolatria,
ninguém se condói do fantoche
que entre as mãos opressoras
dos doutores da lei se ache.
E eu, que não sou competitivo,
que tenho a ver com essa bazófia?
Ainda não aprendi a surfar sobre o *tsunami*.
Tenho medo de que o paraquedas não abra.

09 de dezembro de 2010.

COM NERVOS DE NERVAL

Com nervos de Nerval,
o funcionário urina às pressas.
Mal consegue escovar os dentes.
Ando voando pelos corredores.
A correria é descomunal,
e os desmandos se revelam espetaculares.
O alarme soa e o tumulto borbulha.
Quanto mais corro,
mais veloz o tempo acelera.
Que condição supõe a plenitude?
Como anular as decisões do mundo?
Nenhum lugar merece esse arrebatamento!
Nem a escatologia decifrada,
nem o empenho pela coroa de Apolo.
Nem aquele papelzinho colorido,
que os homens utilizam com tanto afã.
Principalmente os que se creem donos do mundo.
Nada justifica tal delírio.

29 de novembro de 2010.

AUTOCRÍTICA

Talvez eu tenha os tímpanos sensíveis.
Talvez, pupila dilatada
ou caprichos de um nariz que busca perfumes.
Parece que a esperança é coisa de niilistas.
Parece que não estou à altura do meu destino.
Parece que digo o que não digo.
E onde quer que eu vá,
não sei de onde venho.
O estuário do sacrifício,
a penumbra onde os pássaros dormem
e o mirante enigmático do vento
são quimeras que edifico.
Mas não me queiram santo antes do tempo,
nem me convertam num ser tempestuoso.
Tenho medo de tudo,
e ninguém entende a minha utopia.
A tristeza como adorno,
estou farto de reprovações.
Desprezo definitivamente o cinismo disfarçado de honra.
Agora, de uma vez por todas,
acabo com essa tosse improdutiva
e deploro a boa-fé do Bonnefoy!

11 de abril de 2011.

PIOR QUE A MORTE

Pior que as mortes é a humilhação das vítimas
e a imbecilidade dos agressores.
Pior é que o ódio gera mais ódio.

MARGINAIS

Não esperava Rimbaud
envolver-se com aquele bêbado,
viciado em absinto.
Mas ninguém com ele se parecia tanto.
Sua rebeldia selvagem,
sua marginalidade,
seus vícios dissolutos,
sua ânsia psicótica.
O vagabundo viajante
é o melhor como parceiro de aventuras.
Por fim, veio o desvario daquele transtorno,
com atos de demência e de execração mútua;
o paroxismo do tiro e da prisão.
Já não havia retorno.

MONÓLOGOS DE NARCISO

Espelho d'água,
poço da minha autoestima,
por que me encantas assim
na flor que não serei?
Imergi na superfície da tua aparência,
e os pensamentos desconexos me extasiam.
Mas permaneço diante do inverso de mim.
Como a fantasia do infinito e o mistério de tudo,
a minha fé se confunde, nessa isolação.
A Lua insiste em me fazer sonhar,
mas vejo-me e não me conheço.
Não sei quando vivenciarei
a revelação da minha realidade.
Quisera entregar-me à fruição universal,
com a confiança translúcida,
em permanente firmeza.
Espelho d'água,
a noite só me permite ver
a sombra que sou em teu cristal:
dispersiva essência luminosa.
Quando estou só, escuto de mim mesmo
essas verdades estranhas,
como se ouvisse a voz da natureza.
Acredito no monoteísmo de um dia claro:
nos gorjeios e nas flores do bosque.
Mas sou paisagem oculta,
se vejo apenas o meu reflexo.
É no outro que encontro a esperança.

Às vezes, a paciência é uma espécie de desespero,
e ansiamos indelevelmente por algum sabor desconhecido.
O tédio exige raios de luz, entre as ramas de um cipreste.

Ah, esse estigma do culto de mim mesmo,
esse dom de entender os seres delicados,
tais os pássaros e as árvores.
Essa obsessão de êxtase
que me inspira, qual murmúrio d' água.
Contemplo a lâmina em que brilha o céu
e vivo minha abstração;
meu prazer de esquecer todas as preocupações.
Quisera confiar sempre no rio do destino,
ser a totalidade existente.
Sem essa inquietude,
que pergunta pela fugacidade de tudo.

HEDONISMO

Evado-me da enxurrada de obrigações
e dos semideuses da austeridade.
Amanhã será o que for.
Derramo insidiosamente a taça amarga do dia.
Meu abatimento moral é uma espécie de repugnância.
Quisera ser como o cidadão cotidiano,
que se empenha em qualquer projeto,
e se declara feliz.
O pai de família que alimenta os seus
e frequenta assiduamente a sua religião,
ou se dedica fanaticamente a algum ofício.
Ai de mim, que não acredito em nada!
Aliás, a autoestima me inspira esta retificação:
creio neste momento de distração e quietude.

FUGA NECESSÁRIA

Como fazer para que não percebam
que conheço a psicose deles?
Como suportá-los, sem que eu me torne um deles?
Como não me confundir com a doirdice deles?
Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?
Como adaptar-me à pontualidade absoluta?
À subserviência da arte de dizer sempre sim?
À hipocrisia ridente, em nome de interesses espúrios?

PARA MEUS IRMÃOS

Quanto mais longe, mais perto de casa;
mais vejo a manhã do dia mais claro.
Quanto mais pranto, mais riso feliz;
mais sinto no vento a mensagem do além.
Quanto mais tempo sem eu ver vocês,
mais sinto no vento a luz da esperança.
Quanto mais trevas na noite ao redor,
mais vejo o clarão da perfeita expansão.
O divino passarinho falou:
— *Tudo muda.*
Está chegando a fortuna
do seu dia clarear.

LIBERDADE

Ah, esse prazer de perder-me num bosque,
a qualquer hora.
Esse recordar o que a vida me ofertou.
Esse pensar que o sonho é o repouso do momento.
Liberdade de caminhar em silêncio,
num passeio vespertino.
Liberdade preciosa como um segredo.
Deixar fluir o tempo, sem a interferência dos sentimentos.
Amor e calma como verdades tuas.
Liberdade, felicidade efêmera;
perplexidade, irmã da solidão.
Determinação de andar pela noite fria,
recebendo o bálsamo da lua.
Que importa se amanhã
os momentos poderão ser difíceis?
O amanhã é uma ficção,
assim como o ontem.
Liberdade, coragem de desfrutar do agora,
sem pensar no peso de cada experiência.
Minha disciplina é tão liberal,
que me recolho ao relento,
tendo o céu por teto e esperança.
Liberdade, esse prazer de saltar o muro,
quando os jardins estão fechados.

RECONSTRUÇÕES

*Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides;
Va te purifier dans l'air supérieur.*

Charles Baudelaire

RECONSTRUÇÃO I

Agora sim, sou Fênix na noite ardente.
Agora posso caminhar entre centenárias paredes.
Em Lavapiés, lavo a mente dos infortúnios.
Lavoura de lavanda, perfumes invisíveis.
Meus diálogos com a intemporalidade.
Os motores, a festa ambulante.
Sento-me em um banco na esquina,
sem expectativa.
Já não me sinto neurótico de guerra.
Uma louca, que vem pedir-me um euro,
pode ser a mensageira dos deuses.
Uma livraria anarquista,
que vende livros baratos,
pode ser um índice de evolução.
Los bares llenos de humo.
Meu hábito de tomar *infusión de poleo*
e de escrever sem pressa; zen, nirvanicamente.
No ômega das potências sensitivas,
no âmago da liberdade.
Ladeiras para uma perdição em Madri,
caminhos da minha peregrinação.
Lua crescente no meu porvir.

Madrid, 15/10/2010.

RECONSTRUÇÃO II

Liberdade, primeiro pressuposto da poesia.
Não fazer nada.
Simplesmente respirar
o azul fluente no equilíbrio de tudo.
Enfim, te vejo, vertigem da tarde.
Verdes mares sonantes.
Reconstruo-me na dispersão.
Um hino à vida celebro diante das espumas.
Medito sobre o eterno retorno das ondas.
Lua de nuvem.
Perplexidade lúdica.
Tenho a agenda plena de assuntos pragmáticos.
Mas só amanhã me entregarei a eles.
Hoje a hora é de ócio
e não me arrependerei de desfrutar este momento.

LEMBRANÇA

Naquele tempo de brincar,
uma noite, em frente à casa antiga,
fitei o luar
e nunca mais deixei de sonhar.

O SONHO DO POETA JORGE FURTADO

Certo dia, o poeta Jorge Furtado,
gravemente acometido de artrite,
ingressa na Santa Casa de Misericórdia.
Depois de 24 horas desacordado,
desperta com uma crise de apneia.
De repente, ao ver-se rodeado
por cinco lindas estudantes de enfermagem
(três negras e duas branquinhas, segundo ele),
atônito, pergunta a si mesmo:
— Estarei no céu?

ELEGIA PARA JOSÉ ALCIDES PINTO

Quando foi que rodopiaste na catástrofe,
exorcista, dervixe dos dragões?
Quando nos demos o último abraço,
forjador de diabruras?
Místico desesperado,
quanto aprendi contigo!
Tua irreverência, tua marginalidade,
teu dom de transmitir sentimento.
Demônio iluminado,
o látego das horas te fustigava!
É que a vida te desafiava como uma trincheira.
O dispensário, o manicômio, as harpias,
tudo te obrigava a renunciar.
No entanto, insistias no ofício martirizante.
Nenhum discípulo esteve, como eu,
agrilhado à terra em declínio.
Nenhum riu tanto contigo dos puritanos cínicos;
nem zombou da glória conquistada com festins,
nem abominou tanto os relógios de ponto
e a deslealdade.
Andei na tua trilha de eleito,
amolador de punhais.
A fatalidade foi a tua última travessura.
Peripécia trágica, na angústia do momento final.
Quanta vez me falaste da terrível abjeção!
Onde quer que estejas,
espera: irei à tua procura!

VISÃO DE SINTRA

Ao amigo Gandhi Airez

Uns burgos matizados de folhagens,
cachos de heras pululando sobre os muros,
as quintas envoltas em torres esguias,
palácios ajardinados nas colinas.
As folhas inundam pedras e telhados.
Os pináculos do castelo coroando a serra.
O Palácio da Pena sobre as copas, feito candelabro.
Símbolos esplêndidos em cada flor.
Corolas, mosaicos, azulejos
e o vale que se alonga na perspectiva.
Miragens em cada quadrante,
a vivacidade verde pulsando na vertente.
Um perfume de natureza inebria as pituitárias.
A visão demanda as minúcias.
Fachadas coloridas emergem nos desfiladeiros.

PESSOA

Persona,
foste a materialização do teu próprio sonho.
Aquele que, desperto, tudo viu além.
Que teve como virtude a palavra transfigurada.
Cérebro da raça, no mais alto degrau da escada.

DUALIDADE

Sou eu a minha confusão.
Sou eu a minha claridade.

TRANSLÚCIDA VIAGEM

Ver a cidade assim do alto,
a ponte como um carrossel,
cruzando o grande rio.
As margens e a vegetação ribeirinha,
as pedrarias antigas de Lisboa,
projetadas na crosta terrestre.
Ver, sobre a superfície esbranquiçada,
a coroa verde do Monsanto.
Além, a dispersão nebulosa:
castelos de névoa no horizonte.
Azul rajado de brancas nuvens,
esplende o mar numa beleza insofismável.
Seis horas e meia de sacudidelas ao vento:
Terra à vista!
Depois da imensidade aquática,
despontam lençóis de areia.
É ver outra vez o mundo;
emoção, depois de tanta expectativa!
O avião sobrevoa o litoral cearense.
Inesquecível Brasil!
Como não me alegrar com tão saborosa visão!
Na chegada, reluz o Lago Paranoá,
feito uma grande aeronave.
O cerrado irradia luz verde na carne da terra.

Espaço aéreo Portugal-Brasil, 8 de outubro de 2007.

INTERMITÊNCIA

Nunca esquecerei aquele portal
que nos mostrou o espelho do Tejo.
Sob os arcos do Terreiro do Paço eu fui feliz,
mas logo entristeci pela Rua Augusta.
Pouco depois, a névoa cobriu os candeeiros.
A tarde quebrou o meu quebranto.
Entre paredes cheias de clamores vazios,
lamentei a fugacidade do êxtase,
os abissais minutos sem gesto
e o milagre da surpresa extinta.
Ah, o feiticeiro tempo das afeições!
Suspenso num relâmpago recôndito,
carrego comigo uma lembrança, qual tesouro imaginário.
Visão marinha que alucina.
Na intermitência que a vida abruptamente me impõe,
meu sentimento é um mito.
O tempo defluiu como remota espuma,
pó do limbo, improvável nada.

EXORTAÇÕES

Sob o restaurador círculo das cores,
com o poeta José Santiago Naud,
sorvi o ágape das destiladas emoções.
Celebramos a inauguração das manhãs.
Eram amêndoas as plêiades pré-colombianas.
Como acordes de lira ressoavam
os mitos do avô Alencar.
Repercutiam também o teorema ibérico de Saramago
e os de outros magos epicuristas,
devotos de Agostinho da Silva: o anarquista místico.
O archote fraterno alçamos.
O Quinto Império Planetário-Renascentista
pressajamos nos pinhais de Dom Diniz
e na voz do embarcado em seco
Fernando Mendes Viana,
aquele Emílio de Menezes metafísico.
Nas barras da noite,
do arcano oracular Anderson Braga Horta,
contemplador de frêmitos,
saudamos a têmpera.
Outros libertários assomaram ao convés,
nos vórtices da utopia.
Veio o cristão primevo Marco Aurélio, de Roma,
de sensatez visionária.
Vieram ainda: Teresa de Ávila, a feérica,
e a Dama de Elche, mineral celeste.
Ambas, filhas da Estrela da Manhã.
Ósculos de paz espargimos como orvalho em seus mantos.
Candelabros acendemos, em louvor de Gaudí e de Ghandi.
Sonhamos com as divindades azuis.
Entendemos as raízes do êxtase nos reinos do rito.
Envolto nos hálitos dos espíritos de eleição,

com a aura da generosidade guarani,
José Santiago Naud pronunciava enigmas.

CONVERSÃO

O Mestre é onipresente.
Está, sobretudo, no coração do pecador.
É hoje o dia da minha conversão.
Abusei de debochar de mim mesmo.
Agora eu sou o meu próprio feitor.

Meu olfato ainda não cansou de todos os perfumes.
Alimento a esperança,
que o tempo me entrega como escudo.
Permanecerei em estado lírico,
adorando os alabastros de São Théophile Gautier!
É por amor que vos declaro a minha profissão de fé.

A VOCAÇÃO DO POETA JARBAS JÚNIOR

Pelo bardo José Alcides Pinto aconselhado,
Jarbas Júnior abandonou definitivamente
os estudos de Administração.
Lançou pela janela do carro os livros
que o converteriam num empresário.
Desde então, sagrou-se poeta;
e, de bom grado, se anuncia nos portais do mundo:
— *Sou um milagre que respira.*

PRÓ E CONTRA

Pelo lote da glosa e pelo logos do apelo.
 Contra o epílogo da epiglote.
 Pelo lótus e pela rosa do desvelo.
 Contra o pote da hipótese.
 Contra o atrito da tribulação.
 Pelo pátio da teatralização,
 pelo retrato da retratação.
 Pelo destroço do horto ortodoxo.
 Contra o acróstico do agnóstico,
 contra o gozo do algoz.
 Contra o trigo da intriga,
 contrito com o lógico.
 Contra o trago amargo do letargo.
 Contra o luto e o anacoluto de Cloto.

SAUDAÇÃO AO MAR

Ai luzente pérola do instante!
 Ai do meu idílio perdulário!
 Tão breve se me afigura o momento do êxtase.
 Deixem que eu celebre as estâncias do Sol.
 Paz e liberdade são prerrogativas imprescindíveis.
 Na condição da incerteza, a contemplação me consola;
 dádiva peregrina, que o dinheiro não compra.
 Eu saúdo a manhã dos vivos,
 com a esperança de um futuro eterno.
 Medito, bebendo nas fontes do dia.
 Surya Namaskar é força e movimento.
 A saudação ao mar, pura visão.

A CRIANÇA NA PRAIA

A criança se distrai,
procurando conchinhas na praia.
Concentrada na sua faina inocente,
não cobiça os bens dos semelhantes,
não inveja o êxito de ninguém.
No diâmetro mínimo do seu horizonte,
caminha com a liberdade do momento pleno.
Ao recolher pequenos tesouros na areia,
tão absorta em sua satisfação,
tarda a escutar o chamado do pai.
E, quando o acompanha,
abstrai-se no encantamento
de nada preocupá-la.
A criança vive o instante,
sem imaginar um Deus que a console.
Pudesse eu ser essa criança
que não sabe o que faz,
mas sabe o que não faz.

CONCERTO GROSSO

Não castigarei a nudez
do que não seja lucidez.
Concerto-me no desgoverno nosso de cada dia.
Com leveza de espírito,
ensaio-me para o acerto do incerto.
Concerto grosso, entoadado à toa.
Concerto em si,
Concerto em mim.

BAUDELAIRE

Charles-Pierre Baudelaire:
Coração abissal, refém do êxtase vagabundo!
Contigo aprendi a fitar o albatroz sobre os golfos amargos e
a desfrutar a lânguida vertigem dos violinos.
Aprendi ainda a sondar o vasto nada do passado,
sob um teto de bruma noturna.
Velejo em teu navio de música.
Sinto-me íntimo dos atormentados da tua metafísica.
Sou dos que colhem nos covis a flor da podridão!
Quanta vez viajei contigo ao país chuvoso,
fugindo das rosas fanadas
e da bandeira negra da angústia!
Também busco nos espaços límpidos,
longe dos miasmas mórbidos,
o oásis da volúpia.
Predileto da minha melancolia,
companhia fiel da minha inquietude lírica.
Nunca estive só no mundo,
porque em mim ressoa a tua perplexidade!

VISÃO LUNAR

Portal da noite.
Candeia dos viajantes.
Pérola da ternura divina.

TEMÓTEO CAVALCANTE

Temóteo Cavalcante viveu 36 anos na sarjeta.
Maltrapilho, trôpego, mijado,
conversava com as árvores.
Em abissal vertente,
sentia-se no colo dos anjos.
Alimentava-se de migalhas.
Certo dia, em Salvador,
num boteco da Ladeira da Conceição,
um polícia o viu a passear com saxofone à mão.
Perguntou-lhe: *Onde tu roubou isso?*
— *Isso é um presente dos deuses*, respondeu ele.

IMAGINO-TE

Imagino-te.
Na lembrança etérea,
o aroma dos jardins de outrora.
Fragmentos de ausência,
em vórtices de harmonia.
Campo de flores no sorriso.
Frêmito, encantamento.

Imagino-te.
Pele de pétala.
Cabelos de noite aquariana.
Veludo em tessitura sedutora.
Fonte de pássaros no pensamento.
Castelos de luz no instante mágico.
Plenitude visionária.

O MAR FALA COMIGO

O mar fala comigo em seu idioma rústico.
Que dizem os seus rumores embevecedores?
Ele sabe que sou o devoto da sua clara perspectiva;
que bebo em êxtase o amplo e, azul, caminho oscilante.
O mar fala comigo, desdobrando o fluido manto,
na entrega fraternal das flores de espuma.
Dissipo o tédio ao largo das ondas
e observo longamente o fervilhante movimento,
que refulge no seu campo alado.
Por que tanto me agrada esse mistério sonoro?
Essa visão cromática, por que me deleita de
lânguidos prazeres?
Vejo a água em curvas sucessivas:
fremente borbulhar que ultrapassa o horizonte,
inundando tudo de encantamento.
O mar fala comigo desde a minha infância.
Cresci escutando a música enigmática,
e vivo sempre extasiado de contemplações.
Sacerdote de Poseidon, medito; envolto na brisa ensolarada.

CUPIDO

Amor avassalou-me de mistério.
Escravizou-me ao fulgor da beleza.
Feriu-me de transida seta,
predestinando-me à condição de poeta.

A ROSA

A rosa vem da quintessência.
É prova de amor,
dádiva de aroma,
sublime expansão:
em cada pétala, um milagre.
A rosa vem das estrelas,
abrindo os véus etéreos.
Serenos materializados,
em sacrifício à nossa esperança.
Doadora de luz!
Consoladora dos poetas!
Propiciadora de sonhos afetuosos.

HORA PROPÍCIA

O anjo lunar emana harmonia,
no teclado químico das cores.
Vejo o espectro das tonalidades
e fico absorto, viajando na percepção.
Vejo com o pensamento os objetos voadores.
Os olhos fitam faróis no horizonte.
Nuvens cobrem as estrelas,
mas permaneço metafísico.
Tudo é divino, tudo é sobrenatural.
Caminho na areia
e me pergunto até quando
desfrutarei dessas contingências.
Agora, enquanto a hora é propícia,
com os circunstâncias comungo a dádiva do ar.

PÁSSAROS

Vamos ver o mar,
na varanda do céu.
Camadas de plumas no azul.
As ondas diamantinas do ar,
na vertente sul.
O claro do dia
tem reflexos mil,
na cidade do prazer.
Aquarelas do Brasil.

Bebo com o olhar
as essências do além.
Que bom desfrutar da visão!
As ondas fluem soltas ao léu.
Provisões de paz.
As nuvens vão
no velejar
da maré de encantos mil.
Aquarelas do Brasil.

NOITE EM MADRI

Noite acesa em todas as cores.
Cintilações terrestres,
panorama de insônia nas janelas.
Torres, galerias, cafés, quiosques:
pulsar de vida e luz;
festim de tumulto e engrenagem.
Madri é sempre inaugural!

MAR AZUL

Mar azul, onda de alegria em mim.
Contemplo a oscilação
da água no ar.
Ontem foi
o agora que sempre é.
Tudo permanece e muda
na viagem do ser.
Na calma do dia, medito.
Feliz de estar aqui,
no agora da vida,
sem pensar
e sem desejar.
Vida de harmonia,
horizonte de luz do bem-querer.
Força viva no pulso da maré
e na lua de cristal.

MANIFESTO

Minha utopia é ver
a integração afetuosa,
a fraternidade dos poetas.
Quando todo diálogo for
celebração da vida;
quando a palavra constituir o rito,
concretizar o ideal
e transcender o circunstancial,
a humanidade será uma única tribo.

PRAIA DE IPANEMA

Na tarde pura,
enquanto o tempo
me entrega este momento:
sombra serena,
jardim de paz.
Tudo é certeza,
na luz da natureza.

Enquanto a beleza
brilhar na paisagem,
cantarei o dia
da plenitude em mim.
Na calma da tarde,
que o pássaro acende,
contemplo a quietude.
Recebo a inspiração.

Praia de Ipanema,
permaneço livre
na sombra serena;
no êxtase do instante.

EXPECTATIVA

Debaixo do limoeiro,
espero ansioso a incursão do bandido.
Se ele irromper no meu jardim,
eu mando bala (de hortelã ou de *tutti frutti*).

NATUREZA ETERNA

Onde nasce o rio da emoção?
Fez-se noite no rumor do mar.
Pura sensação, música no ar.
Onde o pranto meu vai desaguar?

Quanto azul nas tardes dos quintais!
O perfume dos dias de paz!
Bálsamos do céu, espumas ao léu,
o tempo se cobriu de estranho véu.
Na penumbra da esperança,
de esperar o amor não cansa.
Vem o tempo me dizer
que amanhã nascerá
liberdade verdadeira.

Quero aquele emblema de cristal.
Floração de luz no litoral.
Festa de esplendor.
Orvalho de flor,
natureza eterna; luz e cor.
Vivo à espera do amanhecer,
feito quem já cansou de sofrer.
Meu primeiro sol, sonho de arrebol.
Firmamento meu, alto farol.
Noites claras, meu afã.
Arco-íris da manhã.
Vem o vento confirmar
que amanhã nascerá
liberdade verdadeira.

UM INSTANTE NA ESTANTE DE AUGUSTO SÉRGIO BASTOS

Com alguns objetos úteis emprestados,
assustamo-nos diante dos espelhos.
Estranhos a nós mesmos,
da infância ao minuto final,
a inquietação nos faz transeuntes da noite.
Resta-nos esse estado de abstração.
Só a lembrança constitui identidade.
O mais são álbuns de retratos
e tardes ancestrais.
Busca-se em vão o menino que éramos,
passeando em jardins de perdas e fantasias.
A vida e sua necessidade de ser presença.
Essa viagem de ânsias.
O cismar na distância,
ante a voracidade do termo.

PROMETEU

Um Prometeu acorrentado,
que desafiou os machões da burocracia.
Um herói, no santuário das medusas.
Um ermitão, sonhando com transtornos sobrenaturais.
Um mártir, que jamais grita contra a calamidade.
A águia com cabeça de cachorro
saqueia o fígado do rebelde.
Harpas sobrevoam os abismos do Tártaro.
Busco um pretexto pra dizer que a vida é difícil,
e não me falta argumento.
Mas do céu escuro é que eu volto à luz radiante.

DEAMBULAÇÃO

A lua me acompanha na deambulação da inquietude.
Caminhar é uma forma de exorcismo.
As mulheres dominam a ensolarada estação.
Perséfone emergiu das trevas,
e Afrodite ostenta os pomos delirantes.
As nove musas testificam o meu triunfo.
Nos jardins das desejadas Hespérides,
bebo os sedutores perfumes das pitonisas.
Celebro o parnaso contemporâneo,
meditando peripateticamente.

SUDÁRIO DA NOITE

Gosto do mundo, quando a noite é densa
e o silêncio vela a dormência dos seres.
Quando a madrugada sopra sobre o desespero de quem vive
e o sudário da noite, como um cautério sobre as ondas,
entorpece a teia magnética das dimensões.
O pensamento é nuvem a esmo, na calma das sombras.
Sucessivos labirintos do segredo.
Gosto da carícia que se impõe aos hálitos imantados;
das irradiações de prata finíssima
que se desfiam no tear do enigma.

AGRÁRIA

- prosador é o boi do arado.
- poeta, o fazendeiro.

- prosador planta vinhedos.
- poeta bebe nos cântaros.

- prosador estruma os canteiros.
- poeta poliniza as flores.

- prosador colhe o milho.
- poeta salga a pipoca.

- prosador lavra a partitura.
- poeta canta uma oitava acima.

- prosador atavia o touro.
- poeta mete a espada.

- prosador passeia os cachorros.
- poeta mija na rua.

SER O REI DE UMA CIDADE

Ser o rei de uma cidade
é passar o dia à toa.
E dizer que o crepúsculo é uma imagem melancólica.
Estou com o meu segredo,
anoitecendo.
As nuvens se transfiguram
num pássaro em que Deus se transforma.
O mar, os barcos e as pedras
assistem ao momento comigo.
Nesta esfera líquida,
neste planeta energizado pela claridade,
caminhar é um ritual
de adoração à brisa marinha.

TRÊS SONHADORES

Andávamos pelo litoral,
recitando *vagas procelosas,*
que se enrolam, floridas!
Recordávamos Baudelaire, olhando as nuvens.
A cada mulher, José Alcides entregava o seu cartão,
e convidava a seus penates.
Jarbas Júnior censurava-lhe a lubricidade;
Alcides retrucava, chamando-o de
feiticeiro de olhar de esguelha.
Éramos outros, diante de um céu vigoroso,
manchado de signos aéreos.
Cultivávamos uma verdade íntima.
Estávamos unidos pela fé na fraternidade.

JORGE TUFIC, CORIFEU DO VENTO

O Poeta suporta os gravames do tempo.
Perscruta silêncios não revelados.
Tange o realejo da fábula nos jardins do êxtase.
Medito em seus lugares noturnos.
Imagino os girassóis que ele vislumbrou em Cartago,
num astrolábio de encantamento.
Em seus becos de memória,
bebo no alambique da metáfora.
Sinto-me reconfortado em seu navio de surpresas.
O Poeta é um oráculo que anuncia os motivos da primavera.
O bálsamo dos seus gestos se destila nas tardes metafísicas.
É ele o profeta dos excessos da noite.
Abraço-lhe a ossatura lexical.
Inebrio-me da vertigem de sua fantasia.
Corifeu do vento,
seus delírios acendem o rastro das espumas.

**MARCUS VINICIUS QUIROGA,
AGRIMENSOR DO IMPONDERÁVEL**

O Agrimensor do Imponderável
pergunta pelo arquétipo do ser.
Faz casas de sonhos,
sondando a espiritualidade das percepções.
Navega à deriva,
busca a vida que há além dos mares.
Indaga sobre o invisível.
A náutica lúdica ensina ambiguidades.
Com o seu *Manual de Instruções para Cegos*,
ratifica o delírio e escala o antiabismo da ontologia.
Em seu teclado alquímico, vejo nas entrecores:
reflexo e sombra nas coisas imprecisas.
O Agrimensor do Imponderável
labora no engenho da expectativa.
No impasse das pedras, adivinha o cristal das estrelas.
Com signos de arquitetura aérea,
haja circunstância entre nossas calçadas!

POSTULADOS DE FERREIRA GULLAR

Quando escreveu *cerne claro*,
coisa aberta, paz da tarde,
imersiu na descoberta do sonho inicial.
Disse que o Universo é um dentro sem fora
e as galáxias são insondáveis labirintos.
Viu um dia, em Botafogo,
secos os canteiros de flores; registrou:
ao sopro da luz a tua pompa se renova numa órbita.
Acredita que a Via Láctea tem bilhões de sóis
que talvez já se tenham acabado.
“Mas sempre deve ter existido algo,
pois o nada não pode explodir”.
Na tarde iluminada,
sentiu o mar batendo noutra tarde.
Pressentiu espelhos e vozes na poeira,
Onde o lume perdido?
Perguntou, imerso no calor do capinzal,
no chão da lembrança,
na casa de outrora, sob o mesmo sol.
Onde o menino que cruzava a rua,
o que se sentou na calçada daquele tempo?
Numa Sexta-feira Santa,
andando sem rumo pelo Catete,
foi até o Parque Guinle e lavrou
o fim do seu próprio *sol pueril*,
a que chamou de *ilícito / sol /*
da lepra acesa da pele.
Para Gullar, a vida é uma aventura,
cujo sentido é o outro.
Cada um inventa a si mesmo
como aflição corpórea que se dissipará.
O cheiro do jasmim parece delicado,

mas é selvagem, quando o aspiramos.
O aroma é um sistema desordenado.
É o nariz que dá ordem ao que está no ar.
O espanto apaixonado,
que a Rilke mostrou o arcanjo das constelações,
suscitou-lhe a pergunta: *Eu sou osso?*
Na intensa claridade a distância é vasta.
O lume antigo, o ardor da ausência nas mãos,
e o longo rio misterioso pulsam,
levando rosa e lodo.
Seu lema sempre foi *nunca planejar nada na vida*.
Sua busca será sempre o imergir no abismo
e de lá trazer o dia.
Novembro de 2009.

NAMASTÊ, JOSINA!

Josina viajou iluminada pelos anjos musicais.
Foi, na certeza de regressar,
pra gente desfrutar de novo do sorriso dela;
da luz matinal de seu olhar carismático;
da sua pureza de pássaro.
Pássaro que cantava mantras,
e ensinava que existe um Deus fraterno.
Conhecia a arte da alegria em forma de ioga.
Sabia que todos nos encontraríamos depois,
ainda que a ilusão da matéria
ocultasse a perenidade do espírito.
Josina, receba o meu *até breve*,
com a melodia da saudade.
A gente se encontrará sempre.

ESTÂNCIA

Eu lia um livro
que o tempo me tomou das mãos.
Recuperei-o depois.
E era um tesouro, um vento.
Natureza que se ofertou.

AFORISMOS DE PATÂNJALI

Ao concentrar a mente em *Ishvara*, o Senhor do Yoga, temos a compreensão plena do que percebemos.

A mente vazia reflete a claridade interior, como o cristal espelha a luz.

A identificação com o que se vê provoca o sentimento do ego.

O Yoga proporciona a visão transcendental, a consciência de si.

Pela respiração purificadora, os sentidos se recolhem ao vazio, que é a essência do Ser.

Dirigindo-se o olhar interior ao *sahashara chakra*, teremos a visão espiritual dos seres realizados.

Conhecemos o *púrusha*: o sol íntimo.

Chegaremos à percepção, sem a ajuda dos sentidos; ao estado de absorção, ao *samadhi dharma megha*; à consciência estabelecida, em sua verdadeira natureza.

TAO

O caminho de luz é o instante puro.

Estou leve, levitando, a voar,
na plataforma do ar.

BHAKTI YOGA DE SWAMI VIVEKANANDA

Quem penso ser, que já não seja, desde sempre?
 O Deus-homem está no *bhakta*
 que medita diante d'Ele.
 Como a onda é a própria água,
 a criatura e o Criador são a mesma entidade.
 É ele mesmo o Ser divino, imanente em tudo.
 O nada de cada coisa, a existência única manifestada.
 É o *bhakta* esse que permanece inabalável,
 indiferente ao prazer dos sentidos.
 Imerso na beleza imperecível de Deus.
 Onde posso estar
 que já não seja meu lugar permanente?

A CIÊNCIA DA ILUMINAÇÃO, SEGUNDO PARAMAHANSA YOGANANDA

Entra em silêncio,
 permitindo que o silêncio entre na tua consciência,
 ó devoto, e abstrai-te de todos os problemas;
 extrai de ti as preocupações.
 Entrega-te ao presente,
 presenteando a ti mesmo a plenitude.
 Apresenta-te diante da harmonia,
 concentrado no âmago de ti.
 Viajarás, no oceano de Tranquilidade,
 ao jardim do palácio incrustado de joias.
 Ali, no ritmo da respiração, sorverás a fragrância da paz.
 Assim meditavam Láhiri Mahasaya e Sri Yuktéswar,
 que guardavam a essência do cosmo,
 nos santuários da espinha,
 despertando o lótus de mil pétalas do cérebro.

RUMI

Ofereceu a alma ao sol da Verdade.
Bebeu o vinho secreto
e embriagou-se de fervores.
Mergulhou no imenso mar interior:
navegante das perdidas percepções.
Fez ablução com as próprias lágrimas.
De amor transbordou-lhe o cântaro.
De sonho e recordações impregnou os sentidos.
E chorou emudecido.
Teve o rosto desvanecido dos enamorados.
Mas o enlevo foi seu talismã.
Permaneceu guarnecido pelo segredo,
absorto no fulgor do silêncio.
Nenhuma tristeza o abateu,
porquanto seus olhos se deslumbraram
com cintilantes visões
e permaneceu-lhe nas mãos
a doce fragrância do amor.
Tornou-se estranho a si mesmo,
desde que escutou a palavra do Ser amado.
Feito a flor, que dá luz à água,
imerso naquele rosto iluminado.

SHÂNKARA, O PRIMOROSO INTÉRPRETE DO VEDANTA

Peregrinou às nascentes do Ganges,
e a todos os templos da Índia,
com os *sanyasis*, entoando o sagrado *OM*.
A todos predicou a luz dos *Upanishads*,
a verdade dos poetas videntes.
A todos instava meditar sobre a Unidade Absoluta.
Até quando, *jiva*, a alma individual,
identificar-se-á com os próprios sentidos?
—Indagava aos que recebiam
o prêmio da sua consoladora palavra.
Quando nos reconheceremos
inseparáveis da indivisível totalidade?
Livre dos ciclos do *samsara*,
no perfeito estado de *samadhi*,
o conhecedor de Si mesmo
dissolve-se na Realidade Infinita.
Integra-se à Onipresença,
sendo o próprio *Atman-Brahman*,
que existe eternamente,
dentro e fora da entidade viva.
Assim propagou a mais alta espiritualidade,
o primoroso intérprete do Vedanta.

O VIAJANTE DA NOITE ENCANTADA

*“Il pleure dans mon coeur
Comme il pleut sur la ville”.* (Verlaine)

Chove na cidade,
como no meu pensamento dissoluto.
Carrego minha esperança, na noite fria.
Inebriado de lirismo,
enfrento a chuva fina.
Sou livre e amo um Deus complacente.
Ando de bem comigo mesmo.
Sinto-me íntimo das árvores.
O inverno projeta sua sombra profunda
em mim e na atmosfera.
A natureza me redime de todas as culpas.
Cada momento me ensina a ciência de viver.
Caminho imerso num sonho.
Até onde me conduzirá esta sede de viver?
Sonho com um amanhecer eterno.
Viajo na noite encantada
e tenho alegres sonhos, mesmo acordado.
Desfruto da plenitude,
contemplando os reflexos cromáticos, na luz da água.
Bebo esse fluido misterioso
e me transformo num notívago impenitente.
Sei que existe apenas o agora,
mas o chão não me impede de olhar as estrelas.
Noite encantada de assombros e êxtases.

ODE À SEROTONINA, MUSA NEUROTRASSMISSORA

Serotonina, vem ser a minha bandeira de liberdade.
Peço-te saúde e juventude.
Sou o andarilho dos teus encantos,
deusa da música que vibra no nervo auditivo.
És filha do imortal córtex que está além do cérebro;
Érato, substância aérea, hidrogênio molecular,
pleroma que o plexo solar respira,
luz do ectoplasma que ressoa nas emoções;
entusiasmo que desperta a íntima voz!
Musa lírica, mais que na melatonina
(aura de perplexidade
que alimenta a glândula pineal),
em ti se expandem as ondas parassimpáticas.
Elfo, anjo, essência eólica,
Euterpe que habita o harém da minha solidão.
Mais que a acetilcolina,
que os gregos chamaram de Calíope,
emerges da pituitária como força vital,
inspirando-me a louvar o cortejo dos poetas veneráveis.
Arquétipo da poesia épica,
tens em ti as qualidades da dopamina,
que recompensa o cérebro.
És hilariante como Tália:
a jovem risonha, coroada de heras.
És o consolo alquímico das suprarrenais,
anestesia das minhas angústias.
Aceleras com benevolência as sinapses indolentes,
anulando a deletéria adrenalina,
dos peçonhentos instantes de ansiedade.
Serotonina, graça de flutuar sem movimento,
tonalidade mágica que infunde energia nos *chakras*,

plasma do Incriado que flui nas coisas vibrantes.
És como o som do mar, de noite, numa casa de praia.
Vento que desfolha a árvore dos pensamentos vãos.
Frenesi que arrepia os poros.
Serenidade no horizonte.

LISBOA, VISTA DO MIRADOR DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Lisboa não é Lisboa,
se a mirarmos com os olhos transidos
de algum sentimento enigmático.
A cidade aberta,
contemplada de um mirador,
suscita outro desejo:
o de compartilhar-lhe a essência visual.
Amplio mural na perspectiva multiforme.
O pátio aberto à plataforma colorida
exibe os primorosos pináculos.
Irradia melancolia monástica.
O céu nublado denuncia o colosso alegre e triste.
Lisboa é a que se desfruta
para além dos corredores, e sem paradeiros.
Na miragem da miríade,
configurada nas paredes multicores,
sondo o mistério do tempo.
Lisboa não foi feita para o andarilho solitário,
mas para o repouso alado
da plenitude de dois corações.

SAUDAÇÃO A LÊDO IVO

O tempo é sempre breve.

— Diz Lêdo Ivo.

É a cinza em que se esconde o amor — reitera,
registrando uma expectativa de silêncio.

Não há mais ganho que entregar-se à hora,
e observar os caracóis indiferentes ao mistério.

Cantar coisas evocativas,
como os currais de peixes e os caranguejos
dos mangues de Maceió.

Reconstituir os sonhos, navios afundados.

Deter a atenção nos seres que nos rodeiam:
os gaviões, no estio da várzea;
as constelações e as formigas.

Sem pensar o mundo, nem imaginar o destino,
fundar toda a fortuna no vento.

O tempo leva até o rumor das mangas,
do quintal da infância.

E tudo são perguntas,
que o sol responde com o assombro do nada.

Mas o dia exhibe o fluir da eternidade.

No desespero da esperança,
é que colhemos flores de alegria.

Só nos resta buscar o dia perdurável.

— Augura o poeta.

Só nos resta escutar a inestancável torrente
e ver, no céu transfigurado, a mudança definitiva.

Leio-lhe os versos,
como se contemplasse o voo de um pássaro.

Navegarei à luz do seu fanal e de sua cartografia.

Cantarei também a memória das fontes
e a jubilosa claridade das manhãs.

PEDRAS

Pedra fundamental do meu alicerce.

Pedra de toque do meu êxito.

Pedra filosofal, que me transforma.

Pedra da Gávea, que recordo.

Pedra do caminho do Drummond.

Pedra do aprendizado do Cabral.

Pedra do sapato, que desacata.

Pedra da Lua; Lua, que me alucina.

Pedra do milênio, eivada de mistério.

Pedra do Sol, com as horas desenhadas.

Pedra do sacrifício com sangue decorada.

Pedra celestial, que clareia a minha noite.

Pedra lavrada pela disciplina austera.

Pedra sepulcral de todos os destinos.

O AUTOR

DADOS PESSOAIS

Nome completo: **Márcio Catunda Ferreira Gomes**
Nome artístico: **Márcio Catunda**
Nascimento: 22/05/1957, em Fortaleza-CE.
Formação: **Faculdade de Direito**,
Universidade Federal do Ceará, 1979.
Instituto Rio Branco, Brasília,
1985, com ingresso na Carreira
Diplomática, também, em 1985.
Faculdade de Letras, CEUB,
Brasília, 1989.

CARREIRA DIPLOMÁTICA

EMBAIXADA DO BRASIL, Lima, Peru, 1991/1994,
Secretário.

CONSULADO DO BRASIL,Genebra, Suíça,
1994/1997, *Cônsul-Adjunto.*

EMBAIXADA DO BRASIL, Sófia, Bulgária,
1998/2000, *Conselheiro.*

EMBAIXADA DO BRASIL, São Domingos,
República Dominicana, 2002/2005, *Conselheiro*
Comissionado.

CPLP (Comunidade dos Países de Língua
Portuguesa), Lisboa, 2005, *Assessor Cultural.*

EMBAIXADA DO BRASIL, 2008, Acra, Gana,
Ministro Conselheiro, Comissionado.

EMBAIXADA DO BRASIL, 2010, Madri, Espanha,
Chefe do Setor de Imprensa e Divulgação.

MOVIMENTOS CULTURAIS EM QUE ATUOU

Presidente do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza, 1975.

Fundador do Grupo Siriará, em Fortaleza, 1981.

Residiu no Rio de Janeiro, em 1982, havendo frequentado o círculo de reuniões denominado Sadoyle, na companhia de Carlos Drummond de Andrade e outros famosos escritores residentes naquela cidade.

Em 1983, em Fortaleza, organizou com outros poetas, o evento denominado Chuva de Poesia. Constituiu-se no lançamento, desde um helicóptero, de 160.000 folhetos, com poemas de mais de 80 poetas cearenses. A chuva caiu sobre a Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza.

Em 1984, ingressou na Associação Nacional de Escritores, de Brasília, passando a estabelecer intercâmbio com escritores de todas as regiões brasileiras.

Em 1992, em Lima, Peru, fundou — com os poetas peruanos Eduardo Rada, Regina Flores e Eli Martín — o grupo REME. O grupo organizou recitais e publicou livros no período de 1992 a 1994.

De 1996 a 1997, participou, em Genebra, Suíça, da Associação de Escritores Genebrinos.

De 2002 a 2005 participou, em São Domingos, República Dominicana, de uma associação de poetas dedicados ao estudo da metapoesia.

Colaboração em revistas e jornais:

Publicou vários textos (poemas, ensaios e contos) em periódicos de diversos Estados brasileiros. Dentre as revistas: *Revista Brasileira*, da ABL, Rio de Janeiro. *Revista da Academia Cearense de Letras e Literapia* — de Fortaleza; *Literatura* — de Brasília. Dentre os jornais: *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Tribuna do Ceará* — de Fortaleza. *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília* e *Jornal da Associação Nacional dos Escritores de Brasília* — da Capital brasileira. *Jornal do Comércio* — do Rio de Janeiro. *Suplemento Literário de Minas Gerais* — de Belo Horizonte. Além de outras publicações independentes ou alternativas. Inclusive, periódicos eletrônicos, como o *Jornal de Poesia*, *Aliás* e outros.

Site Pessoal:

<http://www.marciocatunda.com.br/>

Contato:

marciocatunda@hotmail.com

OBRAS PUBLICADAS

- Poemas de Hoje**, 1976 (com Natalício Barroso Filho), Fortaleza-CE.
- Incendiário de Mitos**, poesia, 1980, Fortaleza-CE.
- Navio Espacial**, poesia, 1981, Fortaleza-CE.
- Estórias do Destino e a Pérfida Perfeição**, contos e poesia, 1982, Fortaleza-CE.
- O Evangelho da Iluminação**, poesia, 1983, Fortaleza-CE.
- A Quintessência do Enigma**, poesia, 1986, Brasília-DF.
- Purificações**, poesia, 1987, Rio de Janeiro-RJ.
- O Encantador de Estrelas**, poesia, 1988, Brasília-DF.
- Sortilégio Marítimo**, poesia, 1991, São Paulo-SP.
- Los Pilares del Esplendor**, poesia, 1992, Lima, Peru.
- Llave Maestra**, poesia, 1994, Lima, Peru (com três poetas peruanos).
- A Essência da Espiritualidade**, ensaios, 1994, Lima, Peru.
- Poèmes Écologiques**, poesia, 1996, Bellegarde, França.
- Anima Lírica**, CD de poemas musicados 1997, Genebra, Suíça.
- Anthologie Sonore**, CD de poemas recitados em três idiomas, 1997, Genebra, Suíça.
- Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido**, biografia, 1997, São Paulo-SP.
- Rosas de Fogo**, poesia, 1998, Rio de Janeiro-RJ.
- Água Lustral**, poesia, 1998, Rio de Janeiro-RJ.
- Estância Cearense**, antologia poética, 1999, Fortaleza-CE.
- À Sombra das Horas**, antologia (poemas traduzidos para o búlgaro), 1999, Sófia, Bulgária.
- Na Trilha dos Eleitos — Volume I**, ensaios, 1999, Rio de Janeiro-RJ.
- No Chão do Destino**, poesia, 1999, Vitória-ES.

- Crescente**, poemas musicados, 1999, Sófia, Bulgária.
- London Gardens and other journeys**, poesia, 2000, Sófia, Bulgária.
- Verbo Imaginário**, antologia (CD com poemas lidos pelo autor), 2000, Sófia, Bulgária.
- Na Trilha dos Eleitos - Volume II**, ensaios, 2000, Campinas-SP.
- Noites Claras**, poemas musicados em CD, 2001, Sófia, Bulgária.
- Mística Beleza**, poemas musicados em CD, 2003, Brasília-DF.
- Engenho Urbano**, em **Rios**, antologia com livros de poesia de cinco autores: Elaine Pauvolid, Márcio Catunda, Ricardo Alfaya, Tanussi Cardoso e Thereza Christina Rocque da Motta; Rio de Janeiro-RJ, 2003.
- Madrid y Otros Idilios**, 2004, poesia, São Domingos, República Dominicana.
- Sintaxe do Tempo**, poesia, 2005, Fortaleza-CE.
- Plenitude Visionária**, poesia, 2007, Lisboa, Portugal.
- O Dom de Orfeu**, poemas musicados, 2007, Madri, Espanha.
- Sintagmas do Labirinto**, poesia, 2008, Fortaleza-CE.
- Bem-te-vi**, poemas musicados, 2008, Madri, Espanha.
- Itinerário Sentimental**, poemas musicados, 2008, Madri, Espanha.
- Palavras Singulares**, ensaios, 2008, Lisboa, Portugal.
- Meditações Líricas**, em **Vertentes**, antologia com livros de poesia de cinco autores: Elaine Pauvolid, Marcio Carvalho, Márcio Catunda, Ricardo Alfaya e Tanussi Cardoso, Rio de Janeiro-RJ, 2009.
- Emoção Atlântica**, poesia, 2010, Rio de Janeiro-RJ.
- 50 Poemas Escolhidos pelo Autor**, Edições Galo Branco, Rio de Janeiro-RJ, 2011.

Luz sobre la Historia, poesia, 2011, AKASA, S.L.
Madri, Espanha.

Autobiografía en Madrid, poesia, 2012, AKASA,
S.L. Madri, Espanha.

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE A OBRA DE MÁRCIO CATUNDA

“*Emoção Atlântica*, de Márcio Catunda, é uma celebração da poesia e da cidade do Rio de Janeiro. Sem se alienar dos problemas sociais (...), o poeta opta por fotografar os encantos da metrópole. E, sem fazer poesia para turista, elabora cada poema como se fosse um cartão-postal, um cartão de metáforas, reveladas por sua câmera-caneta.

Em não tendo nascido na cidade, o olhar do poeta é o do estrangeiro. Lida com o objeto de seu desejo com paixão e erotismo. Em seus versos pulsa este desejo pela cidade-mulher (...).

Em tom de ode, a obra se inicia com poemas de versos longos, à Whitman, em um ritmo dinâmico que arrasta o leitor pelas paisagens do Rio; apresentadas, agora, pela alquimia da palavra. O texto, de extrema variedade metafórica, é matéria que se oferece ao olhar do leitor. Para que ele, aos poucos, reconstrua esta cidade (...).

O livro traça, portanto, um mapa de seus bairros, que vão surgindo espontaneamente, à medida que o poeta vai visitando seus escritores. Catunda enumera vários: Gilberto Mendonça Teles, Affonso Romano de Sant’anna, Laura Esteves, Tanussi Cardoso, Ricardo Ingenito Alfaya, Elaine Pauvalid, Thereza Christina Rocque da Motta, André Seffrin, Alexei Bueno e Torquato Neto — entre outros. Trata-se, assim, de um livro de encontros (...).

Ainda que não faltem referências a pontos turísticos tradicionais (...), o poeta se dirige também às livrarias, aos locais dos eventos poéticos, e às casas onde moraram seus artistas e intelectuais; como Tom, Vinicius ou Assis Brasil. A viagem é múltipla: literal por suas ruas, literária por seus escritores e lírica por suas lembranças.

A referência exaustiva a inúmeros bairros (...) vai da Zona Norte à Zona Sul, passando pelo Centro. Identifica, para quem é de fora, não só áreas de encantamento natural, mas também do movimento literário (...).

Há, então, uma cidade feita de cimento, encravada no real; e outra, de palavras, utópica e particular. O Rio de Janeiro de Márcio Catunda é o território da esperança, em que o poético predomina. (...). Tempo e espaço, portanto, se fundem em uma união que chamaríamos, paradoxalmente, de atemporal, pois é um tempo de subjetividade, e que só ocorre nesta cidade mítica.

No poema que dá título ao livro, ainda afirma que *não haverá instante/em que eu não esteja pleno de lirismo*. Isto significa que o mapeamento histórico-geográfico, feito pelos versos, é mais do que tudo um mapa lírico. Nele, os objetos (Pão de Açúcar, Corcovado, Lagoa Rodrigo de Freitas) são recriados pelo vocabulário; surpreendente pela mistura de registros diversos e pela imagística, sempre sensorial, do poeta.”

MARCUS VINICIUS QUIROGA, escritor. Trecho do ensaio *Tributo ao Rio de Janeiro*, lido por Marcus Vinicius durante a posse de Márcio Catunda no Pen Clube, em 26.10.2010.

“Conheço Márcio Catunda há pouco mais de 20 anos. (...) Márcio sempre se me afigurou o típico poeta, não só por fazer versos, é claro, mas pelo aspecto mesmo — tranquilo, sem ser conformista; sonhador, sem perda de contacto com a realidade — e pelo interesse permanentemente voltado para as coisas do espírito. Vejo que essas palavras poderiam igualmente aplicar-se ao filósofo ou ao místico moderno... E não seria Márcio tudo isso?

(...)

Márcio Catunda — o poeta, o narrador, o ensaísta, o homem de espírito — prossegue em sua intensa jornada, que mais frutos promete, muitos e sazonados. Não direi que alcançou já a sua plenitude, pois o ideal da vida é, em verdade, a perseguição dessa meta; e a vida ainda se escancara para ele. Mas direi que deve andar próximo disso, seguindo, com força e tenacidade, na *trilha dos eleitos*.”

ANDERSON BRAGA HORTA, escritor de Brasília-DF. Trecho do posfácio *Em Busca da Plenitude*, feito para *Emoção Atlântica*, 2010.

“Bastariam três poemas de *Emoção atlântica* — *Perspectiva da Lagoa Rodrigo de Freitas, Perfil ecológico de Renato Rezende e Viagem transoceânica com Homero Homem (no zimbório do Leblon)* — para a consagração de um poeta. Assim, Márcio Catunda pode, sem nenhum favor, figurar entre os melhores poetas de sua geração.

Motivado agora por um Rio de Janeiro bem atual (*O Rio é de todos — brilha como o sol*), ele percorre a cidade com orientação quase mística. Diria mais: com o coração na boca. O enfoque é o do demiurgo, a captar uma cidade fervilhante (*vastas cintilações*), assimilada e reconstruída (em poesia) com a febre dos predestinados.

Poeta fluente, rumoroso e dionisíaco, Márcio Catunda é da família de Augusto Frederico Schmidt e de Tasso da Silveira — o Tasso das *Canções a Curitiba* — e também do Mário Quintana, que celebra Porto Alegre com amorosa intimidade (...).

Mas é Vinicius de Moraes quem mais aparece nominalmente reverenciado nestes poemas. E é evidente que Márcio Catunda identifica-se com o poeta dos sonetos e baladas, luminoso e por vezes oceânico, em seus transe amorosos ou místicos.

Ao aderir, contudo, à poesia de cunho social, provocado pelos ínfimos/imensos desajustes urbanos (...) alcança Márcio Catunda tal exatidão e contundência que nada fica a dever aos nossos melhores e mais sintonizados poetas *participativos*, na conhecida vertente em que atuam ou atuaram Moacyr Félix, Thiago de Mello, Affonso Romano de Sant'Anna e José Alcides Pinto (o de *Fúria*)."

ANDRÉ SEFFRIN, escritor. Trecho das orelhas de *Emoção Atlântica*, Rio de Janeiro-RJ, 2010.

"O livro *Meditações Líricas* é um documento confessional corajoso e poeticamente singular. Nele, ao mesmo tempo em que Márcio Catunda celebra a vida, de certo modo, a condena. Evoca, assim, de maneira muito própria, a tradicional dicotomia entre o viver (Neruda) e o navegar (Fernando Pessoa)."

RICARDO INGENITO ALFAYA, em *Vertentes*, Rio de Janeiro, 2009.

"*Sintaxe do Tempo*, de Márcio Catunda, é feito de indignações diante da barbárie de todos os dias. Uma indignação escrita num texto poético que envolve o cotidiano das pessoas, especialmente

aquelas que são massacradas em todas as esquinas por uma casta que ignora os que se perderam nos labirintos cada vez mais longos da existência. Vozes assim estão se tornando raras na poesia brasileira. O livro é um discurso contra essa rotina que protege sempre o mais forte e marginaliza cada vez mais o que já vive à margem de tudo.”

ÁLVARO ALVES DE FARIA, poeta, em *Rascunho*, Curitiba, Janeiro 2006.

“No seu último livro, *Sintaxe do Tempo*, Márcio Catunda mostra seu lado de poeta atento aos descasos políticos, econômicos culturais e sociais dos governantes que imperam em todos os países dos continentes.”

SELMO VASCONCELLOS, escritor e jornalista, Porto Velho, 2005.

“*Sintaxe do Tempo* é um dos mais belos títulos que conhecemos. É um texto audacioso em sua atmosfera heróica, sem se afastar do lirismo e do sensualismo que é uma constante em sua poemática.

A marca de sua revolta existencial está presente, e se insinua (e se reflete) até mesmo no erotismo exacerbado, que beira, às vezes, o escatológico. O que muito me agrada registrar, por ser fonte (e virtude) em minha própria obra. Vejamos o que diz no poema *Surdo aos Credores: O velhaco é inacessível feito a bunda de uma monja*. (...).

Em *Sintaxe do Tempo*, Márcio Catunda segue as pegadas de Maiakovski, Lorca, César Vallejo, Jorge Guillén e poucos outros defensores dos espoliados e excluídos (...).

Um livro atual, pleno de conflitos e tensões, mas também de lutas e esperanças: forte, verdadeiro, com todas as marcas do talento do autor.”

JOSÉ ALCIDES PINTO, escritor. Trecho do texto de apresentação ao livro *Sintaxe do Tempo*, de Márcio Catunda. Fortaleza, 2005.

“Belo e surpreendente, de uma crueza rascante, como se quer. O falar de agora tem que pousar no barulho da tribo para acordá-la. Concordo. Mas sua *Sintaxe*, armada no silêncio de palavras exiladas, nos chega no redemoinho vital para dizer e denunciar. (...) Porque em você se vê, muito bem realizado, o tripé tão querido de Pound: fanopeia, logopeia e melopeia. Penso que o ritmo e a musicalidade de seus poemas tenham me levado para esse viés. (...) Eu os li, ouvindo a voz de um conterrâneo seu, mestre na arte de dizer: Rogaciano Leite. Mas veja bem, o Rogaciano, não o dos salões granfinos; mas, sobretudo, aquele dos bares boêmios, a recitar Gregório, Castro Alves e Augusto dos Anjos. Ouvi também a melodia de sua poesia, imaginando seus iguais contemporâneos, mestres da música — Eudés Fraga e Eugênio Leandro — cantando-a. Vi e ouvi muito mais. Porque sua poesia é para ser vista e escutada. Que mais posso dizer? Saudar seu estro e seu requintado humor. Louvar sua sintaxe, que vejo ascender à verticalidade universal, antenada para a poesia do terceiro milênio; transitando, em retorno e releitura, entre a

tradição e a modernidade. Bem haja, poeta! Com meu abraço de parabéns.”

ANÍBAL BEÇA, escritor, em carta de 19 de julho de 2005.

“Saborosíssimo o seu *Sintaxe do Tempo*. Saboroso e doído”.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO, escritor, São Paulo 2005.

“Muito obrigado pelo envio de “*Sintaxe do Tempo*”, que li com muito interesse. Sua indignação tão bem expressa, por exemplo, no poema *Cautela* — um dos meus preferidos — dá à poesia, nestes tempos bicudos, uma função que parecia perdida; mas que sempre foi dela. Que você continue em sua luta, pois lutar — ainda que em vão — é necessário; e o caminho está aberto. Parabéns pelo livro, que está primorosamente editado”.

LEONARDO FRÓES, escritor, Petrópolis-RJ, em carta de junho de 2005.

“Márcio, estou ouvindo o seu belo CD ao som de Albinoni, sua voz agrestemente poética. No final da semana, foi coincidência, reencontrei um livro seu na casa de Friburgo. Que mistério esse da poesia, da nossa necessidade de traduzir tudo em palavra e ritmo. Sua seleção é forte. Você aí na Bulgária lembrando de quando leu Mário naquela rede de Niterói ou degustando aromas nos quintais de outrora. Parabéns. Devo também partir para um novo CD. O Itamaraty, aliás, comprou a coleção dos 20 CDs que o Paulinho Lima fez. Peça-os para seu trabalho e do nosso Rumem, com quem troquei algumas cartas, mas nunca conheci pessoalmente. O meu agradecido abraço.”

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA, Rio de Janeiro, em carta de 20 de fevereiro de 2001.

“A obra de Márcio Catunda lembra uma árvore. As raízes estão fincadas na terra e no mar do seu querido Nordeste brasileiro. Os galhos, sob os sopros de muitos ventos, a que o destino generosamente o empurra. Nela há uma sensibilidade insaciável pela infinita variedade e maravilhas naturais. Também, o misticismo e um ímpeto de união com a natureza. Segundo seu próprio reconhecimento, sente alguma necessidade hipnótica de olhar grandes áreas aquáticas. Caracteriza-o ainda o manejo da literatura esotérica, que lê com grande interesse. As palavras-chave para a compreensão de sua poesia são paz, amor, harmonia, cosmos.

Esta Antologia Poética, intitulada *Verbo Imaginário*, contém textos da maioria de seus livros. Nela, o Poeta nos revela a sua vigorosa Poesia, através da impecável leitura de seus próprios versos. O leitor certamente apreciará muitíssimo a interpretação dos poemas, na voz do autor.”

RUMEN STOYANOV, poeta e professor de Literatura de Língua Portuguesa, em Sófia, Bulgária. Texto presente, na íntegra, na quarta capa de *Verbo Imaginário*, livro e CD-Rom, Sófia, 2000.

“Escritor veterano e mestre de todos nós, em *Rosas de Fogo* o poeta e ensaísta Márcio Catunda vai buscar no Tao o caminho de sua poesia. Em *Rosas de Fogo* o poeta encantador de estrelas brinca com seus medos e dores, com sua solidão, faz indagações sabendo que a resposta só será encontrada se ousar abraçar esse buquê de rosas de fogo que vive em seu coração”.

NATALÍCIO BARROSO FILHO, escritor, trecho de prefácio ao livro *Rosas de Fogo*, Rio de Janeiro, 1998.

“Márcio Catunda sabe como poucos captar as belezas do universo. Em voos suaves e profundos, sobrevoa planícies e nos brinda com os melhores poemas. Lê-lo é aprender o quanto vale cultivar a sensibilidade e um dom que vem de Deus. Sua poesia nos coloca diante de um novo espetáculo cada vez que o lemos. Trata com maestria cada

tema, cada momento. E se entrega totalmente às asas da imaginação, levando o leitor a percorrer caminhos jamais sonhados ou imaginados”.

MERCEDEZ VASCONCELLOS, escritora, São Paulo-SP. Trecho das orelhas do livro *Rosas de Fogo*, 1998.

“A poesia de Márcio Catunda evoluiu dos temas sociais e de protesto, presentes nos seus primeiros livros — notadamente em *Incendiário de Mitos*, de 1980 — para a busca do transcendente, dos mistérios do ser e do enigma das coisas sagradas. Tal expressão se verifica marcadamente nos livros: *A Quintessência do Enigma*, de 1986; *Purificações*, de 1987; *O Encantador de Estrelas*, de 1988; e *Sortilégio Marítimo*, de 1990. Em seguida, o resultado de suas reflexões sobre o ser e a eternidade se configurou num livro em prosa: *A Essência da Espiritualidade*, de 1994.

No presente livro — *Água Lustral*, 1998 — Márcio Catunda nos entrega uma coletânea de poemas escritos em êxtase, durante as ocasiões em que visitou algumas cidades de países europeus, nos quais bebeu em tradicional fonte inspiradora. Sua temática polifacetada também abrange, como em outros livros, o canto de seu rincão cearense (os verdes mares de Fortaleza). Ele o faz com impressões matizadas por recordações da infância e da adolescência, fases importantes na formação de sua sensibilidade estética. Na sua poesia, a nostalgia do Brasil, resultante do seu interminável viajar na condição de funcionário diplomático.

Também, os denominados temas eternos, configurados pela abordagem de mitos gregos (como as suas versões esotéricas de Apolo e de Asclépio). Assuntos fundados na ótica do misticismo contemplativo que o caracteriza.

Herdeiro do bucolismo e do panteísmo tradicionais — que remontam a Empédocles, Virgílio e Horácio — cantando em uníssono com os pássaros e as fontes, o poeta nos revela a unidade da natureza em sua multiplicidade interdependente.”

ERNESTO FLORES, trecho do ensaio *A poesia de Márcio Catunda*, publicado no Diário do Nordeste, Fortaleza-CE, em 16 de maio de 1999. E também presente no *site* Jornal de Poesia, de Soares Feitosa, no qual pode ser lido na íntegra.

“No *Chão do Destino* reflete o estado atual desse prodigioso escritor e da diplomacia brasileira. Poemas escritos em Dublin, em Paris, em Sófia, em Londres, em Brasília, no Mar Egeu. Nada escapa do olhar fotográfico desse autor, em constante frenesi na elaboração da própria obra. Ele se dá ao luxo, inclusive, de publicar poemas escritos — na íntegra — em francês, inglês e espanhol; numa demonstração clara de seu espírito refinado. Poeta sideral, ouvinte atento dos caracóis e das ondas do mar, Márcio Catunda é um poeta indispensável aos seres mais sensíveis e antenados do novo milênio.”

FLÁVIO SARLO, Vitória, 1999.

“Márcio Catunda é um desses raros fenômenos poéticos da linguagem dos grandes buriladores da palavra.”

JARBAS JÚNIOR, escritor, na introdução ao verbete *Márcio Catunda*, na antologia *A Poesia Cearense no Século XX*, org. Assis Brasil, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

“Nos mais de dez livros de poemas que Márcio Catunda publicou, em destaque este extraordinário *Sortilégio Marítimo*, de 1991, o dilema do poeta é existencial e social. Uma procura talvez instintiva de conciliar as duas partes, as duas bandas do ser sensível, que acabará escrevendo um belíssimo ensaio sobre *A essência da espiritualidade*, em 1994.”

ASSIS BRASIL, crítico literário. Trecho do verbete *Márcio Catunda*, na antologia *A Poesia Cearense no Século XX*, org. Assis Brasil, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

“Panteísta sempre o foi, cantando a terra natal, as aves, o céu, as matas, as serras, os rios e os mares. Márcio Catunda ousa incursionar pelo soneto clássico ou moderno, com preferência pelo moderno, coisa que não fazia nos começos de sua poesia. E o faz provando que sabe versejar bem. Não somente em versos brancos, como em versos contados, pesados e medidos. Aí, então, temos o

poeta completo, que se consagra em definitivo nos meios literários brasileiros”.

VASQUES FILHO, escritor, Fortaleza, 1989

“Ao mergulhar — como poucos — na dor e na alegria da humanidade, desejoso de transcender os limites da razão e do sentimento; de conhecer a causa primeira e o fim último da existência, este poeta torna-se um demiurgo. Um construtor de universos imateriais, autor de uma obra sólida, fundada nos mais belos sonhos de amor e fraternidade”.

PEDRO ETCHEBARNE, escritor, Brasília, 1989.

“Seus versos e prosas se abrem para muitos caminhos e veredas e é bom percorrê-los, pois eles antecipam, pela sua diversidade surpreendente, a grande praça que o espera na hora próxima e luminosa da maturidade. Os seus poemas corrosivos se engastam nas cantigas de maldizer. É um gênero que está fazendo muita falta entre nós.”

LÊDO IVO, Rio de Janeiro, 1987.

“Sua voz, no atual momento, não é a voz de um pequeno pardal a bicar as espigas do cotidiano. É a voz de um profeta, de um asceta, de um mago. De alguém que se sentiu subitamente iluminado pelo conhecimento da verdade transcendente. Seu

lirismo, por isso mesmo, é um lirismo mais amplo e mais profundo, em que encontramos, amiúde, pequeninas jóias na imagística alargada pela identificação de sua alma com a natureza e a vida. E chama os poetas de herdeiros do amanhecer, e nos fala do mar brilhando na enseada de topázios diluídos; ou do bálsamo de mares imaginários, ou da vigília dos ermos, ou da rosa estival dos ventos. E penetra, com relativa força, naquilo que eu chamaria de linha rilkeana da criação poética. E, quando falo em Rilke, poderia falar, igualmente, em Hoederlin, em T.S. Eliot, em Ezra Pound, em Octavio Paz, em Jorge Luis Borges; ou no nosso universal Carlos Drummond de Andrade. Refiro-me, evidentemente, aos que trabalham a poesia com largueza imagética, com sons e tons em harmonia, com grandeza conteudística, com transparências imortais”.

ARTUR BENEVIDES, escritor, Fortaleza, 1984.

“Márcio Catunda, sem dúvida um dos talentos mais robustos da nova geração de intelectuais, é daqueles que, no plano literário, não produzem pelo simples gosto de produzir. Márcio Catunda nasceu para andar, andar sempre, sem fadiga, no caminho das letras – caminho em que os intelectuais nem sempre escutam esta música consoladora, a música dos aplausos, a música das palmas. É que, infelizmente, neste mundo, a beleza, às vezes, não é vista ou sentida por todos os homens.”

JÁDER DE CARVALHO, escritor, Fortaleza, 1984.

Márcio Catunda mantém, há mais de trinta anos, um compromisso de fidelidade à poesia, sem interrupção e sem esmorecer um só instante. Sua produção prolífera já passa dos trinta volumes. Vi-o, muitas vezes, em contato com outros vates afortunados, em lançamentos de livros em Fortaleza, Brasília, Curitiba; admirava embevecido seu semblante iluminado de efusivo entusiasmo, arauto de Delfos, inspirado e carismático, o olhar aceso de euforia lírica. Leio-o, agora, primoroso, nestes *Escombros e Reconstruções*, estigmatizado pela inquietação existencial, atento aos absurdos e misérias da vida, sem perder contato com a ironia. A dor modela a metáfora! Márcio Catunda, neste livro, faz a sua oferenda lírica, em todos os ritmos e temas, ouvindo as suas vozes interiores, enquanto respira o aroma das flores do mal. Porém, seu mérito mais alto e mais raro reside na profundidade de sentimento, com todas as suas tocantes qualidades de emoção. A obra nos empolga, pela marca pessoal de veemente sinceridade poética. Trata-se de um libelo contra o desperdício da luz eterna. Porque nada é verdadeiro no mundo, exceto a beleza. Ele canta: "Desentorto a vida no alicate!" Expressa assim o senso prático da sensibilidade engenhosa do artífice. Por isso, é preciso nadar em areia-movediça. Ter a habilidade de superar o que parece improvável. É uma poesia de tensão ideológica e social, assinalada de fragrância do sândalo que perfuma a lâmina do machado que o abate. Poesia instigante que suscita no leitor um exame de consciência, levando-o a constatar que os absurdos e contradições do mundo resultam da falta

de participação ativa e decidida a serviço do bem e do belo. Assim sendo, leia este livro e nunca mais, leitor amigo, volte a ser o mesmo! A poesia é arte e compromisso diante de tudo que vale a pena. Márcio Catunda refulge, ele próprio, sem narcisismos retóricos.

Jarbas Júnior